

Tempo ao Tempo

Processo criativo como reflexão sobre o cinema e a perda

Lucas Messias Finotti

Relatório de projeto para obtenção do Grau de Mestre em
Cinema
(2º ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Carlos Da Costa Nogueira

outubro de 2023

Folha em branco

Declaração de Integridade

Eu, Lucas Messias Finotti, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M12000 de Cinema da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 09/10/2023



(assinatura conforme Cartão de Cidadão ou preferencialmente
assinatura digital no documento original se naquele mesmo formato)

Folha em branco

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que ajudaram a tornar esse projeto realidade, em especial aos meus pais, Gilmar e Lilian, que apoiaram do início ao fim. Aproveito para agradecer meu irmão, que desde quando cheguei a este país esteve ao meu lado e me ajudou em todos os momentos. Também não posso esquecer de agradecer meus avós, Aparecido e Maria, que sempre demonstraram muito apoio, amor e carinho durante este caminho.

Agradeço a todos os membros da equipa, que foram muito profissionais e fizeram este projeto conseguir sair do papel, nomeadamente agradeço a Mónica, pelas conversas que me ajudaram a desenvolver a história, ao Egas, que esteve sempre muito envolvido em todas as questões artísticas e foi muito importante durante as rodagens, ao Danilo e Roan, duas pessoas que não possuíam experiência, mas que decidiram mergulhar de cabeça e ajudaram imensamente. Agradeço a Beatriz, que personificou um sonho e acabou se tornando uma grande amiga. Não posso deixar de agradecer a Maria, a Ana Santos, ao Diogo, a Ariana e ao César, membros desta equipa e que desempenharam um ótimo trabalho.

Deixo meu agradecimento a pessoas que não estiveram totalmente presentes durante a produção deste projeto, mas seu apoio me ajudou a manter este sonho vivo. Vinícius, Kauê, Lucas Bento, João Pedro, Rico, Tatiana, João Gomes, Nayara e Gustavo, obrigado.

Deixo um enorme agradecimento ao meu orientador, Luís Nogueira, pelas ótimas conversas, conselhos e principalmente paciência, já que não sou uma pessoa muito pontual.

Por fim, meu último agradecimento é para minha bisavó, Carmelina, que infelizmente não está mais presente entre nós, mas que foi uma enorme inspiração para este projeto e enquanto ainda estava viva, sempre ofereceu suporte seja qual fosse o caminho que eu fosse trilhar.

Folha em branco

Resumo

Neste relatório tento revelar de maneira clara quais foram os principais fatores que me fizeram desenvolver esta ideia, a qual evoluiu para um projeto final em mestrado. Assim, num primeiro momento, tento buscar e refletir os verdadeiros motivos que desencadearam o crescimento do projeto, desde a narrativa aos locais, passando pelos personagens. Desta maneira, com uma cuidada reflexão, tento descrever e compreender todas as etapas que foram sendo desenvolvidas durante o projeto.

Outro ponto abordado se relaciona com o fato de as vezes, sozinho, se ter uma ideia que, quando compartilhada, originando um trabalho em conjunto, pode chegar a um desfecho que jamais havíamos imaginado, nisto consistindo uma das grandes virtudes da atividade coletiva que é o cinema.

Posteriormente, a fim de tentar descrever com mais detalhe toda a semana de filmagens, decidi usar como recurso uma escrita mais próxima de um diário, que contém grande parte dos problemas com que nos confrontámos, bem como as soluções encontradas e as grandes surpresas vividas, seja com atores ou com a equipa. Dessa forma, tento refletir sobre a forma como desempenhamos cada papel e como isso acaba sendo repercutido no resultado final.

Após isto, num último momento, efetuo uma análise de todo o processo de montagem do projeto e de quais os caminhos seguidos nessa etapa. Outros aspetos abordados, e com muita importância na pós-produção, são a imagem e som. No entanto, merece especial destaque algo que me deixou mais apreensivo: a possibilidade de desenvolver uma música original para o projeto, tendo as conversas com o compositor sido cruciais para fazer o espectador sentir o filme da maneira como idealizava.

Cada detalhe contribuiu para tornar este projeto uma história única, a qual se revelou fundamental para o meu crescimento pessoal e amadurecimento técnico, conceitual e artístico no cinema.

Palavras-chave

Luto; Processo Criativo; Música; Memória; Realização .

Folha em branco

Abstract

In this report I try to consciously reveal what were the main factors that made me develop this idea, which later evolved into a final master's project. Thus, using memory resources, I try to seek and reflect on the true reasons that triggered the main ideas of the project, from the narrative, through the characters to the locations I imagined filming. Other points that were addressed are related to the fact that sometimes, alone I have an idea, but when we share such a thought, with a joint work, we can reach an outcome that we had never imagined.

Later, in order to try to describe in more detail the whole week of production, I decided to use a writing closer to a diary as a resource, which contains most of the problems we had, the solutions we found and the great surprises, whether with actors or with the team. In this way, I tried to reflect on how we play each role and how this ends up being reflected in the final result.

After that, there is an analysis of how I managed to complete the entire process of assembling the project and what were the ways for me to achieve this. Other sectors addressed in the post and with great importance are image and sound. However, what made me more apprehensive was the possibility of developing an original song for the project. Thus, the conversations with the composer were important to make the viewer feel the film the way I envisioned it. Every detail contributed to make this project a unique story and was fundamental for my personal growth and technical, conceptual and artistic maturation in cinema.

Keywords

Grief;Creative Process;Music;Memory;Filmmaking.

Folha em branco

Índice

Introdução	1
1 Pré-produção	3
1.1 A origem da ideia	3
1.2 O desenvolvimento da ideia	5
1.2.1 Imaginando a fotografia	6
1.2.2 Idealizando o personagem	8
1.3 O processo de seleção de elenco	10
1.3.1 A atriz	10
1.3.2 O ator	11
1.3.3 A decisão pela atriz	11
1.4 A preparação da atriz	12
1.5 O <i>pitch</i>	13
1.6 Direção de arte	15
1.7 Direção de Som	16
1.8 Direção de Fotografia	16
1.8.1 O <i>aspect ratio</i>	16
1.8.2 Ideias para a fotografia	17
1.9 <i>Repérage</i>	18
1.9.1 Desenvolvimento de uma nova cena	19
1.10 Estado da arte filmográfico	20
1.10.1 Tema	20
1.10.2 Personagem	21
1.10.3 Estética	22
2 Rodagens	23
2.1 Primeiro dia	23
2.2. Segundo dia	23
2.3. Terceiro dia de rodagens	24
2.4. Quarto dia de rodagens	25
2.5. Quinto dia de rodagens	27
2.6. Sexto dia de rodagens	29
2.7. Sétimo dia de rodagens	30
2.8. Oitavo dia de rodagens	31
2.9. Nono dia de rodagens	33

2.10 Décimo dia de rodagens	36
3 Pós-produção	37
3.1 Montagem	37
3.2 Cor	39
3.3 Som	39
3.4 Música	39
Conclusão	41
Referências bibliográficas	44
Referências filmográficas	45
Anexos	48
Anexos 1 - Guião	48
Anexos 2 - Storyboard	60
Anexos 3 – Folhas de serviço	66
Anexos 4 – Orçamento	75
Anexos 5 – Ficha do filme	77
Anexos 6 – Link do filme	78

Folha em branco

Introdução

Após o primeiro ano de mestrado, chega o momento de desenvolver o projeto final. Apesar de não ter estudado cinema na minha licenciatura, desde que me conheço sempre quis estudar e trabalhar nesta área, o que fez com que, antes de frequentar o mestrado, já ter feito muita pesquisa e estudo para entender os diferentes tipos de planos, diferentes movimentos de câmara, tipos de cortes utilizados na montagem e até mesmo os diferentes tipos de equipamentos. Porém ao iniciar os estudos no mestrado, teria a oportunidade de adquirir um conhecimento mais prático, além de desenvolver um lado teórico e acadêmico que não sabia que poderia ter. Dessa maneira, durante o ano antes de iniciar meu projeto, decidi que deveria tentar participar de quase todos os projetos que surgiam, pois assim iria ter experiência e capacidade para desempenhar a função que desejava no projeto final: realizador. Com isso, lembro-me de ter ouvido um comentário de um professor, logo no primeiro semestre, dizendo que para ser um bom realizador, esta pessoa deveria conhecer todas as áreas do cinema um pouco, assim, quando estivesse em um projeto teria noção de como poder ajudar as outras pessoas da equipa e como solucionar eventuais problemas.

Logo, com este pensamento em mente, surgiram as primeiras oportunidades, que aproveitei, e hoje, pensando bem, foi uma das minhas melhores decisões. Participei ao todo de cinco projetos distintos, com premissas diferentes e funções totalmente variadas. Com um único objetivo: me preparar para um desafio, à minha escala, gigantesco: conseguir realizar meu projeto final. Desempenhei em dois projetos o cargo de assistente de imagem, o que me ajudou a criar intimidade com os equipamentos e perceber todos os detalhes que os acompanhavam. Depois, em um projeto extracurricular, tive a oportunidade de ser assistente de som e percebi o quanto sofre um operador de percha. Após isso, consegui fazer a montagem de dois documentários, que me ajudaram imenso a perceber que, nesta área, não é apenas cortar e montar. Há que ter tempo, deixar as ideias irem amadurecendo.

Com isto, no final do primeiro ano de mestrado, tive a oportunidade de fazer o primeiro projeto pessoal. Apesar de ter sido feito com recursos limitados, consegui ter a experiência de liderar uma pequena equipa, todos com o mesmo objetivo, dar vida à um pequeno conjunto de palavras e ideias que tinha escrito. O resultado deste pequeno projeto me deu ânimo e esperanças de que conseguiria desenvolver um projeto interessante no segundo ano do mestrado. Mas, mesmo assim, não foi uma decisão fácil, tive que associar momentos pessoais com acadêmicos. Dessa maneira, passei por situações desafiantes, que me fizeram questionar se conseguiria organizar-me para fazer um projeto do zero, com uma equipa nova, objetivos novos e mesmo metas novas.

Então, após alguns meses de reflexão, em que não tinha certeza do que estava à procura, nem do que estava à espera, decidi ir com tudo e me aventurar na procura por uma história que pudesse me representar, mas também pudesse ser representativa para outras tantas pessoas. Contudo, apesar de não ter uma narrativa definida e com muita indecisão sobre o que contar, eu já sabia a temática que queria abordar fazia algum tempo. Praticamente, toda ideia que surgia possuía uma

componente mais dramática, pessoal e de certa forma psicológica. Com isso, os primeiros meses serviram para entender aquilo que estava a procura e quais eram os motivos para desenvolver a história.

Assim, se segue o primeiro passo deste relatório, iniciando a descrição do processo de criação do projeto *Tempo ao Tempo* com uma reflexão sobre a origem da ideia, cujo desenvolvimento será abordado nos capítulos posteriores.

1. Pré-produção

1.1. A origem da ideia

Antes de relatar os caminhos que percorri para conseguir realizar este projeto final de Mestrado em Cinema, pretendo refletir sobre o que me levou a desenvolver esta ideia e a maneira como fui lapidando-a para conseguir chegar no estágio em que está. Dessa forma, quando me perguntam qual foi o motivo pelo qual decidi desenvolver este curta-metragem, nem sempre eu consigo dizer com certeza, mas, ao tentar perceber as verdadeiras razões que me fizeram ter tido a vontade de poder trabalhar neste tema, surgem inúmeros motivos que me fazem chegar a certas conclusões. Posso não encontrar uma verdade absoluta, mas penso que esses fatores acabam sendo determinantes para a forma como pensei e desenvolvi a história e a forma como foi contada.

Penso que a ideia de *Tempo ao Tempo* começou a ser desenvolvida muito antes de iniciar o segundo ano do Mestrado, abordando um tema tão delicado como o processo de luto, em que todos os seres humanos de certa forma irão passar durante o percurso de nossas vidas. Não seria diferente comigo. Desta maneira, diria que o projeto não trata apenas de um luto literal, onde a história é desenvolvida a partir da morte de alguém, mas também de um luto simbólico, sendo que a ideia foi amadurecendo conforme vim a Portugal.

O primeiro fator que vem a minha cabeça quando tento imaginar porque cheguei a esta história é a morte de minha bisavó. Uma mulher muito decidida, com opiniões fortes, mas ao mesmo tempo uma pessoa doce, amorosa e que gostava de contar histórias. É certo que a maneira como eu a via e a forma como lembro-me dela influenciou mais tarde a forma como eu visualizava a protagonista de *Tempo ao Tempo*. O fato de ter vivenciado esse período de luto, me fez chegar à conclusão de que talvez pudesse explorar este tema em um projeto futuro, sendo que eu havia pensado nisso em 2017, ano em que ela acabou por falecer.

No ano seguinte vim para Portugal, onde iniciei meus estudos na universidade, mas nunca havia pensado na ideia novamente. Passaram-se alguns anos até viver o processo de luto novamente. Desta vez, um cachorro. Um ser que fez parte de minha existência por praticamente metade da minha vida. Foi certamente um dos momentos em que mais senti dor. Esse sentimento foi muito forte, até mesmo pelo contexto em que ocorreu, onde estávamos no auge da pandemia, convivendo com as incertezas de cada dia. E eu havia voltado ao Brasil para poder reencontrar alguns familiares e amigos. Mas depois quando regressei a Portugal, percebi que, infelizmente, o tempo e a distância vão esfriando um pouco as relações com pessoas e locais que antes eram tão próximos. As pessoas vão mudando e suas prioridades também. Os locais que antes faziam parte da minha infância foram desaparecendo e nas poucas vezes que fui ao Brasil desde que cheguei, o impacto era gigantesco, a ponto de não reconhecer o que ali estava, com os espaços consumidos pelo desenfreado crescimento da cidade e seus arredores. Algo que, de certa maneira, foi criando feridas e tristeza.

Essas situações ocorreram durante um período de cinco anos, algo relativamente pequeno, mas com diversos momentos que me levaram a decidir contar esta história. Dessa forma, com a chegada do segundo ano de Mestrado e o consequente desenvolvimento do Projeto Final, eu já tinha uma ideia de qual temática gostaria de abordar. No entanto, a história a ser contada ainda era algo extremamente sombrio em minha mente. Algumas ideias surgiram, mas nenhuma que fosse interessante o suficiente para me fazer aprofundar mais. Nesse sentido, durante os primeiros meses do ano letivo houve tentativas de imaginar uma história. Consegui pensar em uma ideia que havia adaptado de um guião que fiz no primeiro ano de Mestrado, onde a história era sobre uma senhora que lida com o processo de luto após a morte de seu esposo. Foi seguindo esse primeiro esboço de ideia, associado à vontade de desenvolver uma obra original e que não fosse adaptada, que imaginei uma nova história. Desta vez a narrativa seria sobre uma personagem que lida com a perda de um parente próximo, mas ao mesmo tempo em que lida com o luto, ela também começa a ter memórias contraditórias que a deixam confusa e assim, começa a duvidar sobre suas próprias lembranças, o que faz ela ir atrás de seu passado. Eu achava esta ideia interessante o suficiente para me fazer começar a escrever. No entanto, após um longo período de reflexão comecei a pensar que talvez uma história dessa poderia ter diversos caminhos e consequentemente deixaria a história com algumas pontas soltas, sem considerar o fato de poder se alongar muito. O que não seria muito apropriado para um curta-metragem, que nos planos iniciais era de vinte minutos.

Sendo assim, foi iniciado uma nova fase de desenvolvimento deste projeto final, o amadurecimento da ideia. Assim, em conversas com diversas pessoas, desde o orientador até amigos próximos, expliquei a eles um pouco da ideia que tinha. Após um longo período, cheguei a pensar em mudar de rumo. Toda a ideia passou por um período em que estava completamente estagnada. Onde nada era desenvolvido ou mesmo descartado. Criativamente havia um bloqueio, as sugestões que recebia por vezes eram insuficientes e não agregavam muita coisa. Porém, com as atividades do dia-a-dia ocorrendo e o tempo passando, acabei tomando uma decisão que na época achei arriscado, mas era o que havia de ser feito: simplificar a história. Esta decisão acabou facilitando imenso a forma como o projeto foi pensado posteriormente. O primeiro passo foi tentar deixar a história mais simples e reduzir ao máximo qualquer elemento que pudesse causar confusão ao espectador e de certa maneira alongasse a duração do curta, algo que, caso acontecesse, deveria ser repensado. Dessa forma, com a temática já bem definida em minha mente e pensando na história que possuía, o processo ocorreu de forma bem natural. Assim, a história passa a ser sobre uma pessoa que sofre um processo de luto e sofre com crises de ansiedade, tiques nervosos e desarranjo emocional ao lembrar das memórias que viveu. Portanto, tentaria abordar o processo que fez a personagem iniciar uma aceitação de sua dor e seus sentimentos.

Após chegar a esta definição, o pensamento acerca do projeto foi consolidando, outras questões foram surgindo, como os locais onde a personagem estaria situada, a forma como eu imaginava a protagonista e qual a razão do luto. Se era sobre a morte de um amigo ou de um parceiro? Se era sobre o afastamento de uma pessoa querida ou um irmão? Todas essas questões me faziam pensar

mais sobre todos os caminhos que seriam tomados até finalmente cada plano ser de fato filmado. Outras questões foram sendo pensadas também, por ser uma ideia a cerca do luto, há uma necessidade de conhecer profundamente a cerca dos sentimentos, pois eu tive algumas experiências relacionadas ao luto, mas a forma como cada pessoa demonstra isso é diferente. Dessa forma, ao tentar idealizar a narrativa, meu foco principal foi sempre em reunir alguns dos sentimentos que tive ao decorrer da vida para juntar em um projeto como este, mas tendo cuidado pois cada pessoa pode sentir de forma diferente e assim, não entender a real proposta do que eu estava a produzir. Com isso, uma fala do cineasta Michelangelo Antonioni é interessante sobre a forma como ele trabalha, “naturalmente, farei um filme que porá fim a esse ciclo de filmes dedicados, por assim dizer, às emoções. Na verdade, em certo ponto do filme no qual estou trabalhando agora, embora também esteja principalmente preocupado com as relações dos sentimentos humanos,” (Antonioni, 2008).

1.2. O desenvolvimento da ideia

Foi então em uma conversa casual com uma amiga, que ela foi questionando alguns elementos sobre a história do projeto e, convencida de que era uma história interessante, deu sugestões para a história ficar mais completa e adicionar uma camada nova, sem a necessidade de adicionar mais cenas. Dessa maneira, após algumas conversas, tive a ideia de dividir a história em dois blocos, onde o primeiro bloco seria dentro de um consultório e o segundo bloco seria, como eu chamava, uma jornada de aceitação, onde a protagonista caminhava por diversos locais, aparentemente sem rumo, mas que, afinal, era por lugares que a faziam lembrar das coisas boas que havia vivido com sua parceira. Pouco depois, em outra conversa com esta amiga, descobri que ela já havia passado por um momento de luto, que havia marcado muito a vida dela, e por causa disso acabou tendo consultas com um psicólogo. Ela havia dito que se via muito no lugar da personagem e para ajudar a história ficar um pouco mais sensível e coerente com esta temática, enviou-me uma cópia das anotações que utilizava, onde continha alguns pensamentos acerca dos temas que eram abordados nas consultas que fazia.

A utilização deste diário foi um divisor de águas para o projeto, pois ajudou a enxergar com mais detalhes como a personagem poderia ser, quais seriam os seus medos, suas angústias, entre outras características pertinentes para a construção da protagonista. Assim, conhecendo o que a personagem pensa, consegui focar na concepção e visualização de como ela é e poderia agir, ajudando a desenvolver o enredo do projeto. Dessa forma, com a história naquele ponto estava já bem definida, incluindo um primeiro esboço da protagonista, tanto a nível visual como também a nível de personalidade. Fui atrás de uma colega escritora, que pudesse me ajudar a desenvolver os diálogos, pois naquele momento precisava de um auxílio a construir falas que estivessem de acordo com a forma como uma mulher portuguesa fala.

O filme seria dividido em dois blocos distintos visualmente, sendo um bloco referente a cena do consultório e outro referente a cena da jornada. Contudo, a cena realizada no consultório também seria dividida em duas partes, onde, na primeira parte, a ideia inicial era que o foco fosse sempre

os pormenores da personagem e seus tiques de ansiedade, como o esfregar de mãos e pés a balançarem. Naquele momento, havia algo bem claro em minha mente: nesta fase da história, o rosto da personagem não deveria ser mostrado, especialmente os olhos. Eu tinha o interesse de criar um certo tipo de suspense e curiosidade no espectador. Para que houvesse uma idealização por parte deste de como a personagem deveria reagir ao que diz ou pensa. Nesse sentido, a minha ideia era que enquanto não víssemos seu rosto por completo, todas as palavras que são ditas pela personagem fizessem parte do universo dentro de sua cabeça, mas após vermos seu rosto ela de fato começa a falar com o psicólogo. A ideia era que não ficasse explícito que as frases anteriores eram de sua cabeça e as frases posteriores eram de fato ditas. Desta maneira conversei com minha colega escritora, explicando que as frases referentes ao período em que ela pensa, mas não diz, deveriam ser de caráter mais poético, contrastando com as frases onde a personagem de fato diz algo. Assim, tanto a minha amiga como a colega escritora ajudaram imenso a desenvolver os diálogos, uma com textos de caráter mais pessoal e racional, porém menos poéticos, e a outra, que havia ficado interessada no projeto, por se identificar com a personagem acerca das crises de ansiedade, criou diálogos que adicionaram uma camada bem sutil e mais poética que funcionava na forma como eu sentia o projeto.

Conforme disse Antonioni “Claro, o cinema não pode criar um retrato exato da realidade. O melhor que pode esperar fazer é criar uma realidade pessoal. Comecei, sabe, como um dos primeiros expoentes do neorealismo, mas ao me concentrar nos aspectos internos do personagem e da psicologia, eu não acredito que tenha desertado do movimento” (Antonioni, 2008). Com isso penso, que ao colocar uma abordagem mais pessoal a narrativa do filme, seja de experiências minhas, ou de experiências da Mónica e da Francisca, assim conseguirei chegar a uma abordagem mais próxima do que imagino ser real.

Assim, outros elementos que estão presentes no filme, é a solidão da personagem, durante os planos do consultório, não conseguimos ter essa noção, pois se trata de uma consulta, mas conforme o tempo passa, e então é iniciado a jornada, podemos ver como esse luto que a protagonista sente, a afeta de forma que ela está sempre só, algo parecido com o que diz Antonioni, “O resultado é o mesmo: solidão. Com ‘*La notte*’, chegarei a um resultado de compromisso: o compromisso que é encontrado hoje na moral e até na política. Os personagens desta vez se encontram, mas têm dificuldade em se comunicar porque descobriram que a verdade é difícil, que ela exige grande coragem e decisão” (Antonioni, 2008). Dessa maneira, a protagonista de *Tempo ao Tempo* não tem outra alternativa senão encontrar coragem para iniciar sua jornada de aceitação da perda.

1.2.1. Imaginando a fotografia

Seguindo essas ideias, após a cena do consultório e o início da jornada de aceitação, a ideia inicial que era que a personagem viajasse por diversos locais, desde sua saída do centro urbano, onde ela tem uma interação não tão positiva com seus amigos, até à rota que vai se afastando da parte urbana e caótica da cidade, procurando um local mais calmo para refletir sobre as suas memórias.

Toda esta jornada seria acompanhada por planos sequência, com o objetivo de aproximar o espectador da personagem e, de certa forma, tentar fazer com que ele pudesse contemplar aquilo que a protagonista vê e sente. A maior referência que imaginei para esta cena foram os filmes de Terrence Malick, em especial *The Tree of Life* (2011) e *To The Wonder* (2012). A forma como a câmara viaja através dos espaços, sempre acompanhando os personagens, fez-me ter esses filmes como inspiração para a cena. Sem considerar a constante utilização de planos filmados na famosa *golden hour*, que consegue adicionar uma dramaticidade ao ambiente e mesmo à personagem. Dessa maneira, a ideia inicial era que fossem trabalhados planos mais fixos e estáticos no consultório, que contrastariam com os planos da jornada, mais longos, que acompanhariam a personagem durante seu percurso. De certa maneira, o filme poderia ser dividido em dois momentos: o primeiro, em que a personagem é mais sóbria e trabalha mais a razão; o segundo, definido por sua jornada, a qual possui caráter mais poético e, portanto, mais emotivo para ela.

Desta maneira, encontrei a forma que pensava ser a ideal para finalizar a história do filme. Seria com a criação de um ciclo. A história seria iniciada em um período após a rutura com sua parceira e as consultas com seu psicólogo para lidar com essa perda são frequentes, por isso o momento em que ela se encontra é uma fase de quase aceitação da perda. Assim, o momento da jornada seria como se ela estivesse à procura de algo e, quando finalmente consegue encontrar, nesse momento ela se sente pronta para poder encerrar este capítulo de sua vida. Inicialmente, a ideia de finalização da história seria seguindo uma ordem definida, onde primeiro ela chega ao consultório, para ter sua consulta e após isso inicia a jornada, para depois, ao encontrar o local que procura e que de certa maneira a faz ter mais lembranças do passado que viveu, como um gatilho de emoções, ela então inicia uma nova jornada de regresso à casa, completando este ciclo de aceitação, que é finalizado no dia seguinte, com a saída dela de sua casa, no qual as coisas magicamente parecem mais descomplicadas e coloridas. Uma ideia que possuía para esta mensagem de concretização do ciclo e conseqüentemente para o processo de aceitação e convivência com a dor do luto era a utilização da cor. Um trabalho que seria realizado pelo diretor de fotografia é claro, mas que pretendia sugerir a quem assumisse essa função, para que o filme, a partir do início, mostrasse que a vida da personagem é sem cor, sem vida, e conforme ela vai em busca da aceitação, o projeto gradativamente vai adquirindo cor até o plano final; no dia seguinte, a vida dela volta a ter cor e movimento. Foi assistindo o filme *The Pianist* (Roman Polanski, 2002), que entendi o uso das cores para adicionar mais uma camada à narrativa, pois, onde antes a vida do protagonista era de certa maneira muito musical e com cores mais vivas, após o início da guerra e conseqüente perseguição aos judeus as cores no filme vão perdendo saturação à medida que o tempo passa e que seus amigos e familiares acabam se separando dele. Nesse sentido, a ideia proposta para o projeto era algo semelhante a este conceito do filme de Polanski, no entanto imaginei algo um pouco mais suave, que não fosse muito vibrante e que não chamasse muita atenção, mas que tivesse uma certa leveza e suavidade, como a personagem deveria ser.

1.2.2. Idealizando o personagem

Com a história sendo desenvolvida e com os elementos que a tornam uma narrativa de fato, pois já estava definido o início, meio e fim, fiquei mais à vontade para tentar imaginar uma imagem da protagonista: de que forma como ela seria apresentada ao espectador e quais características e comportamentos seria interessante desenvolver. Seguindo essa ideia, iniciei uma busca por referências cinematográficas e narrativas em geral para conseguir captá-las e montar uma personagem da forma como idealizava. Assim, eu já possuía um conhecimento base de como visualizava a personagem, uma jovem de boa aparência, uma mulher que é decidida, mas ao mesmo tempo afetada pelo luto, que tem dificuldades de demonstrar emoções e quase sempre possui uma fala sóbria. Desta maneira, com estas características muito presentes na forma como imaginava a protagonista, fui atrás de filmes em que uma das principais características fosse a presença de mulheres como personagens principais e que possuíssem conflitos internos que acabam por criar uma aura de sofrimento ao redor da figura feminina. Bons exemplos são filmes como *Persona* (Ingmar Bergman, 1966), onde a utilização de uma personagem que praticamente nunca fala no filme, mas em contraste há uma outra mulher que fala constantemente, revelando seus segredos, mesmo sem nunca receber uma resposta em troca. As duas personagens possuem esta dualidade, o silêncio e a fala, a introversão e a extroversão, por isso, este filme de Bergman, acabou sendo um bom exemplo de como poderia trabalhar a personagem durante todo o projeto, a começar pela cena do consultório. As obras de Michelangelo Antonioni *L'Avventura* (1960) e *L'Eclisse* (1962) foram uma ótima referência para a personagem Afinal, a presença feminina nestes dois filmes de Antonioni é extremamente importante e a maneira como a protagonista de ambos os filmes interagem com os outros personagens e consigo própria acabou me motivando e inspirando na construção da personagem do projeto. Em especial, o início de *L'Eclisse*, onde a personagem após a rutura com seu companheiro, caminha pela cidade como numa jornada pessoal. E também há de considerar que a protagonista desse filme desempenha um papel que desperta um certo ar misterioso, algo que tentei incorporar na narrativa e no visual da protagonista deste projeto. Outro longa que utiliza do processo de perda e luto, usando como recurso a memória, é o longa-metragem *Aftersun* (Charlotte Wells, 2022). Este filme acabou funcionando como uma das maiores referências para o projeto, dada a sutileza como o filme traz a relação entre pai e filha., em que ele passa por um momento não tão saudável mentalmente, mas mesmo assim tenta estar presente. Sem considerar que a utilização da memória seja algo que sua mente imaginou ou trazida pelo recurso de uma fita VHS. Este filme de Charlotte Wells, não necessariamente foi útil para o desenvolvimento da protagonista do projeto, mas me ajudou a refletir e imaginar toda a ambiência do filme e a determinar qual tipo de tom eu imaginava para o curta. Assim, utilizando essa referência, foi possível imaginar uma nova cena que foi adicionada posteriormente, a cena onde vemos a protagonista ter suas lembranças positivas e alegres, antes da rutura.

Dessa maneira, uma das referências para desenvolver o personagem foi Antonioni, como descrito no livro *Michelangelo Antonioni: Interviews* editado por Bert Cardullo na introdução é dito “Ele

estava reformulando a ideia do conteúdo do drama cinematográfico ao descartar conceitos antigos e menos antigos, redirecionando as expectativas tradicionais da audiência para a imersão no personagem, em vez do conflito do personagem, afastando-se do realismo social de seus predecessores neorrealistas e em direção ao ‘realismo introspectivo’ – ‘ver’, em suas palavras de uma entrevista à *Film Culture* de 1962, ‘o que permanecia dentro do indivíduo’”. (Antonioni, 2008). Dessa forma ao desenvolver a narrativa, percebi que há algumas semelhanças, no sentido de tentar desenvolver uma história em que o foco não seja um conflito ocasionado por algum personagem, mas o foco é o protagonista em si, suas emoções e o que lhe deixa aflita durante aquele momento. Assim, com essas análises, eu consigo ter uma base em que posso trabalhar e tentar desenvolver outros elementos do filme como o tom. Pois, novamente neste livro, podemos perceber uma das maneiras que Antonioni enxerga a forma como construir suas narrativas. “Ele tentou extrair do cinema a mesma utilidade do próprio meio que um romancista cujo foco não é a história, mas o tom e o personagem, e para quem a textura da prosa funciona tanto quanto o que ele diz na prosa.” (Antonioni, 2008). Então, somado a ideia de o filme ter dois blocos, decido que cada um deles seria marcado por um tom e ritmo diferente, o título do projeto *Tempo ao Tempo* já sugere que o filme será um pouco mais espaçado, com o primeiro bloco onde há planos mais longos, sempre com a presença, por muitas vezes enigmática da protagonista, que na maioria das vezes está introspectiva, com um olhar vazio. Já o tom e o ritmo do segundo bloco, é marcado por uma protagonista com desejo de procurar algo, que volte a dar sentido a vida, mas que com receio daquilo que viveu.

Com a história do projeto bem desenvolvida, iniciou-se uma busca por pessoas que pudessem representar a personagem da maneira que havia idealizado. Dessa forma, faltava dar à personagem um nome que fizesse sentido na história e que desse mais identidade à protagonista. Sendo assim, iniciei uma busca por nomes que fossem atrativos ao ouvir, mas que também tivessem um significado coerente com a história. Pois, imagino que uma história é feita de detalhes e quantos mais adicionar, por mais que às vezes pareçam imperceptíveis, demonstram o quanto eu trabalhei e me preparei para deixar a obra o mais completa e coerente possível. Portanto, a busca por um nome impactante para a personagem era importante, por mais que durante o guião só ouvíssemos o nome dela a ser pronunciado em três momentos. Foi neste sentido que comecei a pesquisar por nomes que tivessem significados relacionados a traumas e luto; no entanto, apenas encontrava nomes de origem estrangeira e que de certa forma não me ajudavam a visualizar a personagem. Foi então que decidi pensar ao contrário: por que não buscar por nomes com significados relacionados a paz e ao bem-estar? Com essa alteração na forma como pensava nos nomes veio à cabeça o nome de Beatriz, um nome relativamente comum ao local em que o filme se situaria, Portugal. E possui um significado extremamente interessante e pertinente para o filme. Beatriz, um nome de origem latina, *Beatrix*, significa “aquela que faz os outros felizes” (happy.com.pt, 2015). Um nome forte e com um significado extremamente coerente com a história, porque apesar de o nome sugerir que ela seria uma pessoa que deixa a vida dos outros mais felizes, Beatriz sofre com processo de perda, de luto. O que a torna infeliz e incapaz de lidar com seus sentimentos sem procurar ajuda.

1.3. O processo de seleção de elenco

1.3.1. A atriz

Assim, a construção dos personagens ia evoluindo cada vez mais e o processo de seleção do elenco tornou-se extremamente importante. Afinal, possuía interesse em trabalhar e orientar uma atriz profissional, pois, uma pessoa com experiência e conhecimento na área naturalmente facilita todo o processo de orientação e atuação. Contudo, conversando com a equipa de produção, foi decidido abrir o processo de *casting* para ambos os grupos, profissionais ou não. As respostas para esta seleção foram boas, com cerca de 13 atrizes que demonstraram interesse. Mas, por alguns motivos de produção e outros fatores associados ao perfil da personagem – que deveria ser uma mulher com perfil mais sensível, de semblante jovem e delicado – a lista foi reduzida ao número final de quatro pessoas, convidadas a fazerem uma audição. Com auxílio do diretor de *casting*, todas as atrizes passaram pelo processo de maneira igual, seja com improvisos ou interpretações de excertos do guião. As audições correram muito bem e no final a lista foi reduzida a duas atrizes que tinham o maior potencial de interpretar a personagem Beatriz. O interessante deste processo é que elas se destacaram em elementos opostos, em que cada uma era claramente uma era superior a outra. A atriz que tinha experiência profissional e, portanto, possuía menos vícios de atuação ou outros elementos que pudessem atrapalhar conseguiu interpretar as falas com sutileza e naturalidade, e nos momentos onde era exigido um pouco mais de emoção e dramatização ela também soube agir da maneira adequada. No entanto, quando foi exigido um momento de improvisação, apesar de ter ido bem, havia espaço para melhorias. Afinal, a personagem está passando por um momento de superação de luto, mas praticamente em todas as suas falas o nível emocional dela é muito estável e de certa maneira, bastante sóbrio, com pequenos momentos onde há, de fato, um aumento do nível emocional. Contudo, a atriz acabou adicionando uma camada dramática levemente exagerada à interpretação, o que não era um grande problema, mas precisaria de alguns ajustes. Porém, ao analisar a segunda atriz que foi selecionada e fez a audição, o resultado foi exatamente oposto ao da primeira. Afinal, a segunda atriz não era profissional, o que ficou perceptível já que ela teve algumas dificuldades quando utilizou os excertos do guião. Ela também possuía alguns vícios de linguagem e adicionava uma certa musicalidade ao final das frases, e em outros momentos acabava por exagerar um pouco na dramatização e na emoção das falas. Contudo, sua improvisação foi destacada, o que causou uma ótima impressão e deixou a equipa interessada. Afinal, ela não era atriz profissional, mas residia na cidade onde o filme iria ser rodado, diferente da primeira atriz que somente estaria na cidade a partir do início das rodagens. Dessa maneira, apesar da segunda atriz não ter experiência, não ter interpretado tão bem com o guião em mãos, a sua improvisação me fez pensar que ela tinha o potencial e capacidade para interpretar a Beatriz do projeto e, portanto, o que a faria chegar próximo ao como visualizava a personagem seriam as horas de ensaio e acompanhamento, uma necessidade que percebi em atores não profissionais em experiências passadas, especialmente em cenas onde há uma necessidade maior do guião, seja com falas ou uma ação muito específica. A utilização de não atores gera por vezes uma cena que não pareça natural, mas sim algo artificial e em alguns

momentos até exagerado. Portanto, sabendo disso, a solução que imaginava para este possível problema era que a atriz precisaria entender toda a dinâmica do personagem, a forma como ela pensa, os motivos que a fizeram se sentir deste jeito, algumas características pessoais e de personalidade. Todos esses elementos seriam extremamente importantes para que a atriz não apenas decorasse o texto, mas de certa maneira se sentisse como ela e dessa maneira, agisse como ela. Eu deveria ter uma atenção elevada e com bastante acompanhamento com a atriz, o que exigiria uma quantidade maior de ensaios e maior entendimento da história.

1.3.2. O ator

A busca pelo ator que interpretaria o Dr. Diogo, o psicólogo que atende a protagonista, foi feita de maneira bem controlada. Afinal, pelo fato deste personagem possuir apenas três falas, não havia algo que exigisse muito do ator, além de que sua presença nos planos também era reduzida. Desta forma, aquilo que me chamava mais a atenção era a aparência do ator, pois estava à procura de alguém que fisicamente fosse mais velho, dado que o personagem seria um psicólogo mais experiente. Contudo, a busca por um ator mais velho foi substituída pela procura por um ator jovem, mas que pudesse trazer mais seriedade ao personagem, já que, infelizmente, os atores mais velhos que tinha em mente não possuíam disponibilidade para o período de rodagens. Com isto, decidi focar novamente em atores não profissionais a fim de procurar perceber se havia alguém que pudesse desempenhar o papel. Foi então que decidimos abordar um conhecido, estudante de psicologia, pelo fato de não encontrarmos algum ator mais velho que tivesse experiência para interpretar este papel. Apesar de ser um personagem aparentemente tranquilo, naturalmente exigiria um certo nível de concentração. Com a procura por alguém que estuda para se tornar um profissional da área da saúde mental, o nível de seriedade e concentração que procurava conseguia ser preenchido. Pedro Peixoto, o ator não profissional, demonstrou um grande interesse em desempenhar o papel e em testes conseguiu atuar de maneira convincente para toda a equipa. Porém, para adicionar alguns anos a sua aparência, foi conversado com a equipa de direção de arte para utilizar um guarda-roupas um pouco mais conservador e convencional, o que aumentou um pouco a idade que o ator aparentava, mas não alterava a mensagem de ser alguém sério e com compromisso na profissão.

1.3.3. A decisão pela atriz

Desta forma, após o processo de *casting*, foi conversado com a equipa de produção, onde o principal fator abordado era a questão de logística, muito importante pois iria ser necessário alguns ensaios antes do filme iniciar suas rodagens. Assim, o dilema da escolha estava entre uma atriz com experiência profissional, mas que vivia longe do local onde o projeto seria filmado e que, portanto, somente teria disponibilidade nas exatas datas agendadas pela produção, e uma atriz sem experiência, mas que residia na cidade onde o filme seria rodado e, portanto, me possibilitaria uma chance de aproximação para trabalhar todos os fatores que eventualmente me incomodavam em relação à atuação. Mesmo com todas as inseguranças sobre qual atriz estava mais apta, decidimos ir por um caminho em que sabíamos que atriz não estava completamente pronta, mas o fato de o processo de seleção ter sido realizado aproximadamente dois meses antes das

rodagens, deixou a equipa esperançosa de que poderíamos ter resultados muito positivos caso os ensaios ocorressem da melhor maneira possível. Assim, a atriz não profissional, que por acaso também possuía o mesmo nome da protagonista, Beatriz, foi selecionada para dar vida ao personagem do projeto, uma decisão praticamente unânime de toda a equipa de produção. E deu início a todo um processo de preparação da atriz para conseguir se tornar a Beatriz da curta-metragem. Todo esse processo acabou por se tornar extremamente útil no final, quando tudo foi filmado, e outro fato que acabou se provando muito importante foi a facilidade de ter a atriz por perto, para depois na pós-produção poderem ser feitas outras gravações, como o *voice over*.

1.4. A preparação da atriz

Dessa forma, com a atriz disponível para fazer alguns ensaios, por volta de um mês e meio antes das rodagens começarem, tiveram início algumas sessões, onde a princípio o que havia feito era uma introdução da personagem para a atriz e, portanto, acabei lhe contando características da protagonista. Queria que a atriz entendesse alguns fatores de extrema importância que não poderiam acontecer durante as rodagens, fatores estes como por exemplo uma atuação fora do idealizado, um exagero na interpretação do texto, a musicalidade presente na pronúncia de algumas falas, entre outros fatores que poderiam contribuir para não deixar a atuação dela fiel a forma como havia pensado. Depois, conforme fui explicando as características da personagem, decidi abordar durante os ensaios qual era o nível de conforto que a atriz possuía para atuar em frente a uma câmara, pois é comum haver uma certa vergonha e a atuação ficar distinta dos períodos de ensaio, que normalmente são realizados sem a presença de tal equipamento. Dessa forma, com o intuito de acostumar a atriz à presença do equipamento, gravei algumas partes desses ensaios, especialmente os momentos em que eu imaginava que exigisse um pouquinho mais da atuação dela. Assim, poderia depois utilizar tanto como referência como de maneira instrutiva, no sentido de identificar os erros e corrigi-los. Após os primeiros ensaios, dava para perceber que apesar de não ser atriz, Beatriz estava muito à vontade com a história e a personagem. Contudo, ainda sentia que havia uma espécie de bloqueio quando o guião era lido, o que eu considerava normal, pois com alguns ensaios iria-se resolvendo aos poucos. No entanto, essa evolução se mostrava lenta demais. Afinal, a praticamente um mês do início das rodagens, a atriz ainda não possuía a desenvoltura que supostamente já deveria ter. Tudo mudou quando me lembrei de uma experiência em um projeto anterior, onde havia trabalhado com não atores e atores profissionais. Nesse curta, ao mostrar o guião para os atores, por os dois serem de nacionalidades diferentes, um português e outro brasileiro, naturalmente tivemos que nos reunir antes para adaptar os diálogos do texto para a forma como cada um fala, com algumas características pessoais, mas sem fazer o diálogo e o guião perder a essência. Seguindo essa ideia, decidi aplicar este processo no projeto; então conversei com a Beatriz e propus que lêssemos o guião novamente a fim de tentar fazer algumas alterações com um vocabulário mais próximo do que a atriz diria no seu dia-a-dia. Dessa forma, o desafio era mudar a forma e as palavras para ficar mais próximas ao seu vocabulário. Mas o difícil era que as frases continuassem com o mesmo sentido.

Com essa mudança, a forma como os textos passaram a ser ditos soava de maneira muito mais natural. Até mesmo as emoções que a personagem transmitia ficaram mais interessantes, beneficiando com a forma como o texto foi desenvolvido e com a maneira de adaptar o que estava escrito. Também ajudou imenso na hora de dizer os diálogos. Praticamente, o que estava escrito no guião era uma referência pois ela conseguia dizer as falas sem necessitar a todo o momento do uso dele. Porém, algo em que decidi intervir foi na velocidade com que ela dizia as falas, pois, ainda estavam numa velocidade e num tom muito rápidos, que não coincide com uma pessoa que transmite um ar sereno e que passa por um problema de saúde mental como a personagem. Assim, conforme os ensaios foram se desenvolvendo, a atriz corrigiu alguns erros e de certa maneira se adaptou bem aos desafios propostos pelo projeto.

Algumas das dúvidas que possuía somente seriam respondidas durante as rodagens, pois havia outros fatores que não estavam presentes durante os ensaios. Como, por exemplo, a presença de toda a equipa, a utilização de todos os equipamentos, tanto de luz como de som. Elementos estes, que poderiam influenciar a atuação da atriz e poderiam causar nervosismo. Porém, todo o trabalho efetuado durante os ensaios foi feito para deixar a atriz o mais confortável possível e assim minimizar as chances de algo dar errado durante as filmagens.

1.5. O *pitch*

Outro ponto importante antes do projeto ter iniciado suas rodagens foi a apresentação do *pitch* para uma comissão de professores que avaliou o potencial das ideias propostas, além da exequibilidade do curta-metragem. Dessa maneira, a preparação para esta apresentação começou com certa antecedência e exigiu muito preparo para conseguir transmitir as verdadeiras intenções e vontades de efetuar tal projeto. O primeiro ponto que tinha em mente para abordar na preparação e que acabei dando ênfase na apresentação foi a temática do filme, o luto. Na altura da preparação para o *pitch*, e mesmo na entrega do dossiê, o guião do projeto não estava finalizado longe disso, ainda faltavam imensos detalhes para chegar a uma conclusão, mesmo que a base da história já estivesse definida. Assim, durante a preparação, o foco foi em fazer uma pequena descrição da história do projeto e depois explicar os principais elementos que compõem o curta, a começar pelo luto, uma dor que todos os seres humanos irão sentir ou já sentiram em suas vidas. No entanto, a maneira como queria abordar esta dor no projeto era um pouco mais sutil, com enfoque em pormenores e elementos que pareçam pequenos e insignificantes, mas que, na verdade, acabam possuindo extrema importância para a personagem. Nessa altura, durante os períodos em que imaginava e escrevia o guião, estava num momento em que precisava de algo que criasse uma conexão entre a protagonista e o motivo de seu luto. Foi assim que imaginei algo como uma pulseira ou colar que a personagem utilizasse não com o propósito para que foi concebido, mas como uma espécie de amuleto, de modo que este acessório estivesse carregado de sentimentos que somente a protagonista conseguisse entender. Dessa forma, além de abordar a temática do projeto durante o *pitch*, queria descrever alguns detalhes das cenas, que achava pertinentes como os planos pormenores da personagem, que eram caracterizados pelos tiques nervosos, relacionados a ansiedade, seja um agitar das pernas, a inquietação no assento que

demonstrasse a insegurança a cerca do tema que ela estava desabafando. De forma resumida, a ideia era abordar as crises de ansiedade que a protagonista estava sofrendo. Decidi que iria descrever para a apresentação este objeto, e a mensagem que carregava com um significado importante para a protagonista. Porém, o desafio estava em saber se esse objeto iria ser interpretado pelo espectador da mesma maneira que eu pretendia. Foi nesse sentido que a preparação para o *pitch* veio acompanhada de algumas imagens de outros filmes ou mesmo pinturas que usei como referência para tentar descrever a forma como iria contar a história. Outro ponto que achei que seria interessante descrever durante a apresentação seria contar a história de forma resumida usando como referência os locais onde as cenas decorriam. Assim, apesar de não ter o guião finalizado, adicionei à apresentação quatro momentos referentes às cenas que iriam acontecer na história: a entrada do consultório, a sala onde ocorre a consulta, a jornada e a casa da protagonista. Decidi descrever os locais onde imaginava gravar e as mensagens que cada lugar carregava, como, por exemplo, um dos planos idealizados para a cena da jornada no qual a protagonista caminharia em um local com árvores queimadas, com uma simbologia de que o que ela enxergava ao seu redor já se encontrava sem vida e, portanto, ela estava sozinha.

Como a apresentação do *pitch* também englobava apresentar questões de produção, foi conversando com o coprodutor do projeto, Danilo, que eu manifestei minha vontade de fazer um projeto com o menor custo possível, mas que desse o mínimo de conforto e qualidade para todos os envolvidos durante as rodagens. Foi seguindo esse pensamento que decidimos montar uma equipa maioritariamente de pessoas que residissem na região da Covilhã, a fim de reduzir custos. Outro fator que deixei claro para a produção é que a região em que a Universidade está é um local com diversas belezas e paisagens extremamente fotogênicas, especialmente para um projeto que tinha como ideal abordar a paisagem e transformá-la quase numa personagem. Foi decidido que as rodagens do primeiro bloco se dariam na cidade da Covilhã, com o segundo bloco, da jornada, recorrendo à bela Serra da Estrela. Dessa maneira, toda a parte financeira do projeto foi desenvolvida sempre pensando primeiro em qualidade, mas adequando à realidade do projeto que é de baixo custo. Foi seguindo esta lógica que, após algumas reuniões com a produção, conseguimos fechar um orçamento de cerca de mil e novecentos euros, algo que pessoalmente para um projeto do tamanho e nível que estava imaginando era algo completamente possível e de certa maneira realista.

Em suma, com os principais pontos do projeto abordados e ensaiados para a apresentação à comissão avaliadora, chegou o dia do *pitch*. Após a apresentação de alguns colegas, foi o meu momento de ir apresentar. Um certo nervosismo tomou conta, mas nada fora do normal. Sendo assim, iniciei a apresentar o *pitch* da maneira como havia planejado iniciando pelo tema do projeto. Tudo parecia correr bem, no entanto, quando comecei a explicar os quatro locais onde as cenas do projeto se situariam, acabei por adicionar detalhes a mais, descrevendo a cena como um montador faria, contando os segundos que cada plano se prolongaria, entre outros detalhes. Porém, apesar desta falta de concentração e conseqüente erro ao dizer o que estava fora do planejado, continuei a apresentar as outras características do projeto da maneira como era

previsto. No final da apresentação, indiquei para a comissão avaliadora que o pedido que faria em relação ao apoio do ICA – Instituto do Cinema e Audiovisual, era relativo a 30% do orçamento do projeto, o que corresponde a cerca de 600 euros. Após tudo estar finalizado, chegou o momento de aguardar. Uma espera ansiosa, onde tive diversos pensamentos negativos acerca da apresentação. E passaram dias até saber qual seria o verdadeiro valor do apoio ao projeto. Quando este dia chegou, após saber o valor, 450 euros, fiquei muito contente, pois apesar de não ter sido exatamente o valor que havia pedido, proporcionalmente o projeto havia recebido uma boa quantia comparando com outros projetos. Afinal, esse apoio correspondia a cerca de 24% do orçamento do projeto, muito próximo do que havia pedido. E foi algo que certamente ajudou muito o desenvolvimento de todo o progresso do curta-metragem, além de ajudar a equipa de produção a planejar os meios para captação de recursos restantes para chegarmos no número sonhado que foi orçado.

1.6. Direção de arte

Com a pré-produção encaminhada, as datas de rodagem se aproximavam e a necessidade de fazer reuniões com os diferentes departamentos do projeto se tornavam extremamente importantes, a fim de deixar claro as ideias artísticas do projeto, mas também entender como seriam a parte técnica da curta-metragem. O setor onde possuía mais proximidade era o departamento de arte. Mónica Apelido, a diretora de arte, além de ter ajudado no momento em que o guião estava a ser escrito, foi muito importante na concretização da visão que possuía, tanto para a cena do consultório, que necessitava uma preparação do local, quanto com o figurino da personagem. Dessa forma, com o argumento do projeto já desenvolvido, disse a ela que, por se tratar de uma pessoa ainda em um estado muito sensível, tanto as roupas que a personagem usasse como também o local do consultório deveriam ser bem sóbrios, sem cores muito chamativas, com tons que não destacassem tanto, para dar ênfase no momento emocional e mental que a protagonista estava vivendo. Assim, a Mónica me mostrou algumas referências sobre como a personagem poderia se vestir. Suas ideias consistiam em roupas com cores escuras, mas não um estilo gótico, antes cores que indicassem um momento de luto, com peças mais relacionadas à moda tradicional e elegante. Apesar da personagem passar por uma fase complicada, ela não deixa esse sentimento ser muito visível a quem vê de fora. Sendo assim, a personagem possui um guarda-roupa em que o maior elemento que indique o que ela está vivenciando é a cor, algo simples e sutil, sem necessidade de grande esforço para ser concretizado. Outro elemento que foi conversado com ela foi a necessidade de um objeto que na história é muito importante, não somente para a protagonista, mas para todo o desenvolvimento da história. Inicialmente, as conversas caminhavam para um colar ou pendente, que a personagem usasse como um amuleto, algo que a lembrasse do passado e daquilo que havia vivido com sua parceira. A ideia era que fosse algo sutil, que ela carregasse consigo durante o progresso da história e, portanto, seu design não necessitava ser algo complexo e caro, mas um objeto compacto, com pouco valor material e de muito valor sentimental para a protagonista. Outro elemento conversado com a Mónica, era se durante a jornada a personagem deveria estar vestida com a mesma roupa ou podia estar com roupas de cores e cortes diferentes. Eu orientei que a ideia era que toda a história passasse num período

referente a um dia, portanto seria necessário apenas um conjunto de figurinos, com alguns elementos que poderiam ir variando, como por exemplo um cachecol. Porém, avisei-a que o ideal era que houvesse o mínimo de elementos para facilitar na hora em que fossemos realizar as filmagens. Assim, qualquer que fosse o erro de continuidade, poderia ser disfarçado e não ficaria tão aparente. Desta maneira, a cena do consultório iria ser filmada na casa da diretora de arte, afinal é o local onde ela mora e possui uma infraestrutura que reduziria a busca por alguns elementos específicos, pois praticamente tudo que imaginava já estava no local. Em conversas com a Mônica, disse que pensava o local como sendo um consultório mais antigo, com claras referência ao período de Freud. Gostaria que o ambiente tivesse bastantes detalhes, contrastando com o cenário muito sóbrio e muito clínico da maioria dos consultórios atuais, onde há pouca presença de cores ou mesmo os elementos são escassos. Disse a ela que o consultório do projeto seria algo semelhante a um local de alto padrão, ela deu risada, mas achou a ideia interessante.

1.7. Direção de Som

Uma outra área com muita importância para o curta-metragem, foi o departamento de som. Em conversas com Diogo, responsável por esta área, lhe expliquei que seria necessário muito trabalho durante as rodagens, mas também após as rodagens. Afinal, dentro da cena do consultório o plano inicial era que fosse dividida em duas fases. Na primeira, onde a protagonista não revela seu rosto e, portanto, muito dos diálogos que são ouvidos acontecem fora de campo ou ocorrem como uma voz na mente dela, haveria necessidade de gravar som direto, pois é importante para captar os sons únicos do ambiente. Mas não exigiria um enorme nível de exigência a nível de diálogos, pois as falas seriam gravadas posteriormente na pós-produção. Porém, a segunda metade da cena é exatamente o oposto. Afinal, muitas das falas da protagonista são ditas enquanto a vemos, o que exige gravação de som direto com boa qualidade. Caso contrário, poderia haver necessidade de um trabalho de dobragem na pós-produção. Portanto, a equipa de som se preparou para gravar o máximo de ambiências e diálogos durante as rodagens, mas sabendo que depois na pós haveria gravação dos monólogos da protagonista, que seria utilizada tanto na primeira metade da cena do consultório como na cena da jornada, onde estavam previstas a presença de três ou mais falas. Dessa maneira, o trabalho de som foi feito com o pensamento de sempre gravar tudo o que podia durante as rodagens.

1.8. Direção de Fotografia

1.8.1. O *aspect ratio*

Outra característica vital para o projeto é a fotografia. Todo o visual do projeto estava relacionado na forma como o projeto foi conversado com Egas Simão, o diretor de fotografia. A começar por uma característica sutil, mas que desde o início deixei claro ao Egas.: tinha uma intenção muito grande de utilizar o *aspect ratio* 1.33:1. Porém, conversando com ele, disse que não havia escolhido este formato, apenas por se assemelhar a filmes mais antigos, mas sim pelo fato de que, ao ter um formato mais quadrangular, acaba deixando tudo aquilo que está dentro do enquadramento um pouco próximo demais, dando a sensação de que a personagem está de

alguma forma presa em seu estado de espírito, limitada de alguma forma. Algo que eu pensava que iria fazer sentido com a utilização dos planos de pormenores das mãos ou dos grandes planos do rosto dela. Tudo caminharia no sentido de haver algo que a deixa mais presa. Outro ponto que é interessante abordar é que este *aspect ratio* de 1.33:1 nos ecrãs de hoje faz com que as bordas laterais fiquem com uma faixa preta, criando uma espécie de janela. Dessa forma, este formato faz com que o espectador, perceba que tem algo diferente e observe a história de uma outra perspectiva, uma não tão usual nos filmes de hoje, com exceção é claro de filmes de caráter mais independente. Assim, Egas e eu trocamos algumas sugestões de filmes que poderiam ser usados como referência, tanto a ele como para mim. Ele sugeriu que eu assistisse *Krishna* (Trey Edward Shults, 2015), pois neste longa-metragem havia variações de *aspect ratio* durante o decorrer da história, que ia se transformando conforme o tom do filme e da protagonista iam mudando. Eu, também sugeri filmes que achei pertinentes para ele, o primeiro foi *First Reformed* (Paul Schrader, 2017), um longa que utiliza este formato mais quadrado e que possui enquadramentos que acabam mesclando entre simétricos e desproporcionais. Esta acabou sendo uma das maiores referências visuais para o projeto, sem contar outras duas referências que também possuem o 1.33:1 como formato padrão e que foram muito importantes para tentar descrever como visualizava a fotografia e estética do projeto. Esses filmes são, *The Whale* (Darren Aronofsky, 2022) e *Ida* (Pawel Pawlokowski, 2013).

1.8.2. Ideias para a fotografia

Dessa forma, com o *aspect ratio* definido, faltava lhe explicar a maneira como queria contar a história, por isso eu deixei claro que a história era dividida em dois blocos, o primeiro sendo a cena do consultório, que seria um momento da história mais sóbrio, onde o espectador ainda está por conhecer a protagonista. Nesta fase da história a personagem está mais contida, a emoção existe em alguns momentos, mas não a conduz para fazer coisas fora do normal. Porém, na segunda parte, a história é mais poética. Afinal, a protagonista vai a uma jornada à procura da aceitação. O luto é uma ferida que ela sabe que nunca vai curar, mas que somente o tempo vai conseguir amenizar. Então, dessa maneira, convive com as lembranças do passado enquanto tenta imaginar o futuro sem aquela pessoa que gostava. Com esta breve descrição, ele veio com uma ideia de utilização de diferentes lentes durante o decorrer da história. A sugestão era o seguinte: durante a primeira parte do filme, nas cenas que da abertura, da entrada no consultório e, posteriormente, já dentro do local, que é onde ocorrem a maioria dos diálogos da protagonista, seriam utilizadas as lentes da universidade, as *Samyang*. Esse material, por ser mais novo e de tecnologia recente, possui uma ótima definição e detalhe da imagem. Com isso, a ideia é que a imagem ficasse mais nítida, o que faria sentido para o momento da história e da personagem. Contudo, na segunda parte do projeto, que consistia nas cenas da jornada e regresso a casa, as lentes usadas seriam mais antigas, do período soviético, que, por serem mais velhas e robustas, acabam adicionando a imagem um efeito que assemelha a um sonho, por possuir um certo desfoque dos objetos. Deste modo, além de haver diferenças entre uma cena e outra, com a adição desta nova camada poderíamos adicionar um significado novo a toda a cena da jornada. Afinal, por visualmente ser diferente, toda aquela cena seria de fato real ou algo criado na mente da

personagem? O que ia ao encontro de algo que havia dito a todos desde o início do projeto, pois, para mim, a ideia que tinha desde a concepção do projeto era que muitas características do projeto ficariam em aberto, já que um dos focos que possuía não era responder algumas perguntas, mas sim tentar fazer o espectador sentir aquilo que a personagem acaba por sentir, para ver como o espectador reage ao projeto. Portanto, o fato de discutirmos a possibilidade de usar dois tipos de lentes em dois momentos importantes no filme foi algo que realmente chamou minha atenção positivamente, não somente por trazer a sensação de que algo parece ser ou não um sonho, mas pelo fato de que durante a cena do consultório o estado de espírito da personagem é um e depois, durante a cena da jornada, sua perspectiva muda e, portanto, haver elementos que tragam essa percepção é extremamente interessante e de certa forma criativo. Por consequência, seguindo este pensamento, externei para a equipa de fotografia que outra característica que tinha interesse para a cena da jornada, que seria dividida em 4 locais, era que fosse gravada com o recurso a planos-sequência. A ideia para os locais em que a personagem iria realizar sua jornada era uma rua de terra com vegetação rasteira ao lado, um local onde toda a vegetação ao redor estivesse queimada, uma lagoa e um ponto onde a cidade da Covilhã pudesse ser vista de longe para poder explorar o visual que a cidade cria no anoitecer com suas luzes, que causa a sensação de ser uma montanha com diversas pérolas. Dessa forma poderia explorar o ambiente e a paisagem, mas também acompanhar a maneira como a personagem se envolve nestes locais através da utilização desses planos sequência, os quais dariam destaque a outros pormenores como, por exemplo, o amuleto que a protagonista carrega consigo e o impacto que isso traz a ela. Deste modo, cada cenário possuiria um plano contínuo com o mínimo de interferência na pós-produção.

1.9. Repérage

Com a fase de pré-produção quase concluída, faltava fazer a visita aos locais de rodagem a fim de entender como era a dinâmica dos locais, tanto a nível de som como de fotografia. A *repérage*, *repérage* foi realizada alguns dias antes das rodagens começarem, pois entendia que seria mais fácil de compreender alguns fatores que potencialmente poderiam atrapalhar todo o decorrer do projeto. O primeiro local a ser visitado foi o antigo aeródromo, que possui uma longa pista desativada e que proporciona uma bela vista da cidade, a partir da parte baixa da Covilhã. A visita foi feita perto do final da tarde, pois queria entender em quanto tempo as luzes da cidade seriam acesas e quanto da luz do sol ainda estaria disponível para conseguir filmar com qualidade, sem necessidade de utilizar uma luz artificial. Afinal, um dos desafios era rodar no período conhecido como *golden hour*, famoso pelas luzes quase douradas, mas conhecido também pela dificuldade, pois afinal são apenas alguns minutos. O longa *Days of Heaven* (Terrence Malick, 1978) foi um dos filmes que utilizamos para prepararmo-nos para a cena da jornada, e, portanto, a posição do sol nos locais em que íamos filmar era muito importante. Durante a visita ao aeródromo concluída, aproveitamos, para filmar alguns vídeos com a atriz, pois havia a expectativa de adicionarmos uma nova cena ao filme, e, portanto, seria interessante ter imagens para tentar visualizar e concretizar este esboço de ideia.

Deste modo, seguimos para os outros locais da *repérage* que, a partir deste momento, encontravam-se todos na Serra da Estrela. O primeiro local que me interessava bastante era a Serra de Baixo, próximo ao Vale Glaciar, no concelho de Manteigas. E que por causa dos incêndios ocorridos em agosto de 2022, as árvores estavam praticamente em sua maioria queimadas, o que contribuía para a visão que possuía no início do projeto onde a personagem caminhava por esta zona, com o símbolo de tudo ao redor dela ter perdido significado e vida após o processo de rutura. Porém, para minha infelicidade, houve chuva nos dias anteriores, que fizeram com que a única estrada de acesso a este local estivesse com muita lama, impossibilitando o o trânsito. Por estarmos a apenas alguns dias das rodagens, imaginei que as chances de o acesso estarem trafegáveis durante as filmagens era quase mínima, o que me fez começar a pensar em possibilidades de utilizar outros locais que permitissem a sensação pretendida com este plano. Logo após não conseguirmos ir para o primeiro destino, fomos até o Covão D’Ametade, uma localidade próxima rodeada de rochas altas. No centro deste vale encontram-se árvores e vegetações rasteiras, o que faria a personagem ficar pequena diante da imensidão do espaço. O local podia ser um dos substitutos do local da vegetação queimada, dado que havia espaços que, a depender do ângulo de filmagem, passavam uma sensação semelhante, pois, por ser início da primavera, as árvores ainda estavam secas e sem folhas por causa do inverno. Assim, seguindo o cronograma, faltava um local. Este lugar era o mais distante, já dentro do concelho de Seia, chamado Lagoa Comprida. Pelo fato de ser comprida, em alguns momentos dava a sensação de que parecia o mar, afinal o vento agitava a água deixando a paisagem muito interessante. Conversando com Egas, aquela localidade foi a que mais nos atraiu, não somente pela beleza natural, mas também a dualidade que o espaço trazia. Afinal, no local havia diversas construções feitas pelo homem, um local que nos chamou a atenção foram as paredes da barragem e o contraste com as paisagens ao fundo criavam uma conexão que poderia funcionar com aquilo que a protagonista da história estava à procura. Sendo assim, como havia algumas incertezas acerca do clima, decidimos que o único local que não poderíamos abrir mão era a Lagoa Comprida, pois apesar de parecer que há apenas uma lagoa, o local demonstrou ser muito versátil com paisagens que em nada lembravam uma barragem. Por isso este local teria prioridade em relação aos demais.

1.9.1. Desenvolvimento de uma nova cena

De regresso à Covilhã e conversando com Egas sobre a história do projeto, ele havia me dito que poderíamos adicionar uma nova cena, pois apesar do projeto no final possuir um momento em que conseguíamos ver o motivo do luto da personagem, com a presença de uma foto da protagonista juntamente com sua parceira, esta cena talvez fosse sutil demais e passasse despercebido pelo espectador. Assim, se adicionássemos alguma cena onde podemos de fato ver as memórias de Beatriz, poderia se tornar mais claro para o espectador. Eu concordei com Egas e fui atrás de algumas referências que pudessem ajudar a criar esta cena nova e que certamente adicionaria uma camada emotiva a mais ao projeto. Deste modo, após pensar muito, um dos filmes que vieram à cabeça e que me ajudaram a visualizar a possível cena das memórias foi *Persona*, mais especificamente a cena inicial, onde há um menino que interage com uma projeção

de um rosto que vai ficando nítido até conseguirmos visualizar uma mulher. Com esta referência em mente, conversei com Egas e conseguimos avançar na ideia, a qual consistia em utilizarmos um projetor, que seria responsável por projetar as memórias da protagonista e sua parceira. A princípio essas lembranças iriam ter como tela o próprio rosto da atriz, mostrando, assim, momentos de felicidade que a personagem viveu, em contraste com as emoções que ela tem ao lembrar delas. Contudo, a ideia evoluiu para usarmos um pano branco, o que possibilitaria filmar esta cena de diversas maneiras. A primeira, onde a projeção acontece, no corpo e rosto da atriz; depois, com a tela branca atrás dela, a projeção aconteceria tanto em seu corpo como no pano, porém, no pano iria causar algumas sombras, que poderiam ser interessantes. A terceira variação consistia em colocar a atriz atrás do pano, deste jeito ela não causaria mais uma interferência no que é projetado, mas na verdade seu rosto iria ser tomado pelas cores das projeções. A principal função poética desta cena seria que a personagem possui as memórias daquilo que viveu com a outra pessoa, mas, ao mesmo tempo, por mais que essas lembranças sejam fortes e poderosas, elas não podem mais ser alcançadas, pois o passado nunca regressa. Assim sendo, após definir que esta cena causaria um enorme e positivo impacto para o projeto, decidi orientar Beatriz e a Mónica para quando estivessem juntas fazerem algumas gravações, pois poderiam ser úteis para fazer uma montagem das memórias da personagem. Somado a isso, durante a *repérage* feita no antigo aeródromo, Egas e eu além de termos tirados algumas fotos, decidimos que iríamos regressar ao local antes das rodagens para fazer novos vídeos das duas interagindo. Afinal, fora do projeto elas possuem uma amizade próxima, o que facilitaria a interação e credibilidade das relações durante as gravações.

Essas memórias da personagem são um momento importante do filme, pois a ideia é como se fosse o início de uma nova etapa na vida do personagem, assim, há um clímax de emoção em que ela quer iniciar uma nova etapa, mas se sente pressa ao passado e a solidão. Antonioni diz algo parecido em “e a parte mais insuportável disso é que, depois de seguir assim por um tempo, nos sentimos tão solitários que a vida se torna muito dolorosa para nós” (Antonioni, 1996).

1.10. Estado da arte filmográfico

Assim, por mais que houvesse referências filmográficas que já conhecesse antes de começar a me preparar para o projeto, precisava reunir elas para ficar mais fácil de explicar aos meus colegas, mas também entender a fundo como essas referências acabaram por moldar todo o projeto, desde a maneira como sentia o tema até outros aspetos como a personagem e mesmo a estética do filme e que, desta forma, influenciaram na maneira como todos os elementos presentes dentro de campo interagem com a cena e com os personagens.

1.10.1. Tema

Deste modo, as primeiras referências que tratei de ir buscar foram as que poderiam me ajudar de alguma forma com o tema da história, seja por haver uma narrativa semelhante ou por haver durante a história algum momento que simbolizasse aquilo que imaginava para o projeto. Dessa

forma, uma das primeiras referências foi *Aftersun*, por causa da forma como o filme conta a história utilizando a memória registrada por uma câmera, do pai da protagonista que não está mais presente na vida dela. O que de certa maneira, influenciou foram os planos finais com a atriz já adulta e a forma como é o dia dela. Outros filme que foi uma referência muito forte, desde o momento que comecei a imaginar a história, por diversos fatores, desde o tom até à forma como o filme vai perdendo cor e o protagonista de certa maneira fica mais debilitado, é *The Pianist*. Considero estes dois filmes como aqueles que tentei absorver cada vez mais, questões relacionadas ao tema do projeto que estava proposto a fazer. No entanto, outros filmes que também possuem em seus temas uma relação de perda e como isso aflige os personagens foram assistidos para ter uma noção do que há atualmente feito sobre o assunto. Assim, as referências que penso que foram as que tiveram maior impacto na maneira como a narrativa foi sendo desenvolvida foram *Belfast* (Kenneth Branagh, 2021) e *Roma* (Alfonso Cuarón, 2018). Esses dois filmes em específico abordam mais a questão da memória de infância dos realizadores e, de certa maneira, a forma como eles imaginam e viveram durante este período, o que nos ajuda a refletir um pouco sobre as relações com diversas pessoas, mas em que, com o tempo, a intensidade vai diminuindo até essas pessoas falecerem ou mesmo se afastarem. Outro exemplo de como a memória afeta o personagem é o filme italiano *Nuovo Cinema Paradiso* (Giuseppe Tornatore, 1988), particularmente na cena final, onde o protagonista visualiza um presente que recebeu e com este presente percebemos em sua expressão todas as lembranças que tal objeto trouxe consigo. Outras referências em que o luto é mais literal, por os protagonistas terem de fato perdido alguma pessoa próxima são *Manchester by the Sea* (Kenneth Lonergan, 2016), *Alice* (Marco Martins, 2005), *Surdina* (Rodrigo Areias, 2019), *The Whale* (Darren Aronofsky, 2022) e *Arrival* (Denis Villeneuve, 2016). Foram filmes que ajudaram a definir a forma como a personagem reage ao sentir e viver as emoções no momento da perda. Não somente isso, como também entender a complexidade das lembranças e aceitar que o viver com essas pessoas não regressa mais. Assim, outros três filmes que constituíram boas referências, por possuírem temas muito complexos e por vezes misteriosos e sombrios, decidi tentar abordar algo semelhante no filme, ao criar uma atmosfera mais enigmática, muitas vezes com o uso do silêncio. As referências que me fizeram tentar levar essa ideia ao projeto foram, *Persona* (Ingmar Bergman, 1966), *Nomadland* (Chloe Zhao, 2020) e o filme austríaco *Great Freedom* (Sebastian Meise, 2021).

1.10.2. Personagem

Com todas estas referências em mente, e sabendo que poderia usá-las para trabalhar a protagonista, decidi fazer uma pesquisa focada em filmes que possuem como protagonista uma personagem feminina. Uma personagem decidida, que toma as decisões por si, mas mantém uma aparência elegantes e tranquila. Assim, logo pude perceber que filmes do realizador italiano Michelangelo Antonioni eram ótimos para se ter uma percepção da figura feminina; dessa maneira, os filmes *L'Avventura* (1960), *La Notte* (1961) e *L'Eclisse* (1962) foram extremamente importantes para ajudar a criar a protagonista do projeto. Algo que me atraiu, e que também tinha a vontade de desenvolver no curta, era a forma de atuar de Monica Vitti, sempre muito delicada

em suas falas, mas quando a emoção vinha, ela explodia de uma maneira muito interessante, sem parecer vilã, apenas uma mulher que passa por problemas pessoais que a afligem muito. Sendo assim, também quis buscar referências de personagens que fossem muito frios devido ao que viveram. Para isso, assisti o filme *Incendies* (Denis Villeneuve, 2010), onde a atuação da mãe, especialmente nos momentos inicial e final, passa por um momento extremamente traumatizante que a paralisa. Outros filmes nesse mesmo sentido são *The Machinist* (Brad Anderson, 2004) e *Inside Llewyn Davis* (Joel Coen e Ethan Coen, 2013), sendo que neste último não há um momento tão traumatizante, mas o personagem, mesmo com as relações da vida não dando certo, é um personagem que aparenta já não ter mais esperança no futuro. Para finalizar, das referências que me ajudaram a ver a protagonista, o filme *Spencer* (Pablo Larraín, 2021) foi aquele que mais se aproximou da maneira como visualizava a personagem, uma pessoa que de certa maneira vive de aparências, mas, na verdade, passa por momentos turbulentos internamente.

1.10.3. Estética

Em relação à estética que estava à procura, decidi buscar referências em diversos filmes que já havia assistido, e tentar de certa forma adaptar aquilo que procurava. Uma das ideias que tinha desde o início era utilizar planos sequência, e por isso fiz uma série de buscas por filmes que tivessem esse elemento estilístico. Dessa maneira, devo relevar filmes como *Victoria* (Sebastian Schipper, 2015), *Children of Men* (Alfonso Cuarón, 2006) e as obras de Terrence Malick, *To the Wonder* (2012) e *The Tree of Life* (2011). Nas cenas do consultório, por seu lado, eu havia definido que os planos seriam fixos e, portanto, poderíamos brincar com o enquadramentos, seja com a utilização da personagem em um terço da imagem ou em composições mais simétricas e mesmo através da utilização de espelhos. Havia igualmente um elemento que estava definido desde o início, o aspect ratio. Por isso, busquei referências que utilizassem esse formato e que trabalhasse muito com planos enquadrados de maneira não usual, como *Ida* (Pawel Pawlikowski, 2013), *Cold War* (Pawel Pawlikowski, 2018), o curta-metragem *Brothers* (Robert Eggers, 2015), *The Grand Hotel Budapest* (Wes Anderson, 2014), *Krishna* (Trey Edward Shults, 2015), *Blonde* (Andrew Dominik, 2022), *The Whale* (Darren Aronofsky, 2022) e *First Reformed* (Paul Schrader, 2017). Foram ótimas oportunidades para entender como esses filmes, que tinham propostas semelhantes, conseguiram usar esses elementos. Dessa maneira, outra característica que queria utilizar no projeto era filmarmos durante a cena do consultório muitos pormenores das mãos, ou mesmo grandes planos do rosto da protagonista. O filme *Blonde* serviu muito bem para me mostrar maneiras em que pudessem ser feitos tais enquadramentos. Porém, ainda faltavam referências que fossem coerentes com a ideia de filmar a jornada com o famoso *golden hour*. Malick é conhecido por filmar neste período do dia, por isso adicionei à lista o filme *Days of Heaven* (1978). *The Fabelmans* (Steven Spielberg, 2022) juntamente *Persona* foram responsáveis por definir a maneira como iríamos abordar a cena da projeção das memórias da protagonista.

2. Rodagens

2.1. Primeiro dia

Com a concretização da fase de pré-produção, a produção teve início no dia 1 de março. O local central onde toda a equipa se reuniria a partir daquela data e para onde todos os equipamentos foram levados foi para a residência de Mónica, que foi responsável pelo departamento de arte do projeto. Este local também foi uma escolha estratégica, afinal seria o cenário onde ocorre a cena da consulta e por ser uma residência com muitos ambientes acabou sendo o espaço ideal para receber toda a equipa e equipamentos. Sendo grande parte da equipa constituída de colegas do Mestrado e da Licenciatura em Cinema, conversamos e definimos que os dois primeiros dias originalmente definidos para rodagem seriam utilizados para fazer testes finais nos equipamentos e alguns ensaios de câmara com a atriz. Assim, quando toda a equipa estivesse presente dois dias depois, poderíamos dar início de fato a toda a jornada para filmar o projeto. Sendo assim, com praticamente metade da equipa disponível nos dois primeiros dias, a decisão que tomamos foi de levar alguns equipamentos de fotografia para os locais de gravação. As pessoas presentes nesta etapa, sem contar comigo foram Roan(produtor), Mónica (diretora de Arte), Beatriz, Atriz e Egas, Diretor de fotografia. Nessa viagem até os locais de rodagem nos dias posteriores, conseguimos filmar alguns planos que foram utilizados na montagem da cena das memórias, principalmente no antigo aeródromo da cidade.

2.2. Segundo dia

Dia 2 de março, quinta-feira. O segundo dia foi parecido. Sem a presença da equipa completa, principalmente a ausência da equipa de som, decidimos, juntamente com o departamento de arte, fazer a preparação do local do consultório. Como a residência possuía diversos ambientes, em cada quarto que entrávamos havia diversos objetos que poderiam ser utilizados na composição do cenário, como relógios antigos ou mesmo pinturas onde o que estava pintado combinava com o estado de espírito da protagonista. O local proporcionava uma verdadeira experiência de como fazer direção de arte, todo objeto que fazia sentido para a cena, havia dentro da casa, o que facilitou imenso não somente a produção do projeto, como também toda a arte do curta. Assim, com o local preparado, Egas pode começar a montagem das luzes que entrariam no ambiente, pois as janelas do quarto não estavam viradas para a rua, mas sim para o interior do terreno, uma pequena área externa. Desta maneira, durante o dia a sala não sofria com incidência dos raios solares, o que poderia atrapalhar, pois toda a cena do consultório se passa no período do fim da manhã e início da tarde. Assim, a presença do sol, mesmo que criado de maneira artificial era necessário. Com isso, Egas conseguiu posicionar os projetores de luz no pátio para ficarem apontados ao lado das janelas, proporcionando a existência de luz artificial que muito se fez útil na cena do consultório afinal a sensação pretendida era de que se estava no período da manhã. Contudo, como nem tudo é perfeito, ao analisar a previsão do clima, percebemos que três dias depois havia uma grande chance de o clima na cidade mudar, trazendo consigo uma instabilidade em formato de chuva. Algo que naturalmente causou uma apreensão e fez com que iniciasse uma

mudança desesperada, tentando filmar alguns planos exteriores antes de rodar os interiores. Desta maneira, o primeiro plano a ser alterado foi a cena externa que ia ser filmada no antigo aeródromo, que foi alterada para o fim da tarde do dia seguinte onde as rodagens com a equipa completa iriam ser iniciadas.

2.3. Terceiro dia de rodagens

Dia 3 de março, uma sexta-feira. O dia começou um pouco tarde, com a equipa se reunindo após o almoço. Decidimos filmar alguns planos da cena do consultório; afinal era aquela de que havia o maior número de planos a ser gravados. Dessa maneira, os escolhidos para serem feitos neste dia eram aqueles onde apareciam dentro de campo os dois personagens, Beatriz e Dr. Diogo. Foi conversado com o ator para gravarmos durante esta sexta-feira e o dia seguinte, sábado. Porém o fato de ser o primeiro dia com a equipa completa fez com que alguns processos fossem muito lentos, onde ficamos longos minutos para montar o equipamento de luz, som e posicionar a câmara no local ideal para filmar o plano de acordo com o guião. Sendo assim, houve um período longo de adaptação com a equipa. Com tudo definido demos início às filmagens. O plano que filmamos consistia num plano médio do Doutor, onde ele faz algumas anotações e posteriormente olha para a personagem, um plano não muito complexo de ser concretizado. O importante da cena foi o olhar do ator, pois deveria ser marcante, afinal era um momento em que a protagonista fica muito tempo em silêncio e assim ele tenta chamar a atenção dela para que comece a falar. Gravamos o primeiro *take*; no entanto, o ator demonstrou um pequeno nervosismo, afinal seu olhar estava um pouquinho perdido. Algo simples, mas que necessitou a gravação de mais uma vez. O *take* seguinte ficou melhor. Mas como natural, algumas áreas se queixaram de alguns erros que ocorriam. O mais comum, eram erros de som quando algo inesperado era ouvido durante o plano e a nível de fotografia o que incomodava mais era saber se o plano estava bem focado, então quando algo aparentava não estar correto, a ordem era de repetirmos o plano. Eu, obviamente, não me opus a nenhum pedido para regravarmos o plano, até porque normalmente em projetos anteriores, gosto de filmar pelo menos três tomadas boas, pois ajuda na montagem caso algum detalhe não encaixe, ou algo parecido. Com tudo isso, praticamente utilizamos toda a tarde para gravar apenas um plano, pois com a chegada do fim da tarde, e segundo a orientação do dia anterior, deveríamos ir para o aeródromo pois nos próximos dias as condições climáticas iriam piorar. Desta maneira, houve um atraso para sair da residência em que estávamos.

Ao chegar no local a equipa de imagem começou a preparar a câmara, enquanto eu orientava a atriz. Era uma cena onde a personagem caminha em direção ao horizonte, para, olha para o lado e começa a se emocionar com as memórias do que viveu naquele local. Porém, quando a imagem supostamente estava pronta e fomos iniciar as gravações, o primeiro problema aconteceu. Toda a cena da jornada iria ser gravada com as lentes soviéticas, que dariam um efeito semelhante ao sonho, além de adicionar um leve desfoque. Contudo, essas lentes eram pequenas, menores do que as lentes da universidade. Elas encaixavam na câmara graças a um adaptador, mas o controle de foco do estabilizador não alcançava a lente, o que impossibilitava uma focagem precisa. O

estabilizador era responsável por deixar toda a imagem estável, afinal tanto a protagonista como o operador de câmara se movimentavam pelo espaço. Mesmo assim, com o tempo apertado e a ansiedade de tentar solucionar o problema de alguma forma., decidimos que não valia tentar continuar com o equipamento. Não conseguimos resolver a situação e decidimos avançar com a utilização de um *shoulder*. Porém, apesar da demora conseguimos filmar alguns planos com a iluminação natural, mas de pouquíssima intensidade. A atriz conseguiu efetuar o plano de maneira ideal, mas a impressão inicial que tínhamos era que todos os planos filmados naquele local haviam ficado escuros demais. Sendo assim, acabamos por finalizar o primeiro dia de rodagens, mas antes fizemos uma reunião em equipa para entender os próximos passos e fazer um ponto de situação do que havíamos feito no dia. Assistimos aquilo que foi gravado no aeródromo e chegámos à conclusão que não estava bom. Teríamos de regravar. Porém, como o ator somente estaria disponível até o dia seguinte, a prioridade era gravar tudo aquilo que deveríamos com ele e, depois disto estar feito, torcer para haver um espaço na agenda onde conseguíssemos gravar e o tempo estivesse sem chuva. Outra decisão que em conversa com a equipa foi que a partir daquele momento, a fim de evitarmos perder tempo com calibragem e balanceamento de equipamentos, todas os planos da jornada seriam filmados com planos fixos ou com a utilização do *shoulder*. Desta maneira, tive que abrir mão dos planos sequência, planejados desde o início do projeto, mas deixei claro que a maneira como iríamos tentar resolver as diferenças entre a jornada e o consultório era adicionar na pós-produção um efeito de câmara a mão, em contraste com o consultório, onde todos os planos seriam fixos, sem qualquer tipo de movimento.

2.4. Quarto dia de rodagens

Dia 4 de março, sábado. Reunimo-nos todos pela manhã na residência, a fim de preparar tudo para o restante do dia., dia que seria muito agitado, pois era o segundo e último dia que teríamos o ator à disposição. Portanto, teríamos que filmar todas os planos onde o personagem do ator estivesse presente. Com isso, a ideia era gravar dois planos conjuntos dos personagens, dois planos médios do doutor, um plano pormenor das mãos dele a escrever e mais dois planos dele recepcionando a protagonista no consultório. A assistente de realização, Maria, teve um papel importante na organização daquilo que seria filmado. Então, no período da manhã, todos os equipamentos foram montados, fizemos alguns ensaios e planos de preenchimentos para no momento que fossemos gravar estivesse tudo de acordo. No entanto, um elemento que era extremamente importante para a história ainda não estava definido: o pendente ou pingente ainda não havia sido adquirido. Assim, a cena do consultório não poderia ser efetuada pois poderia haver erro de continuidade posteriormente. Com isto, fomos obrigados a fazer mais alguns testes enquanto o material era disponibilizado, mas, conforme a diretora de arte vai ao local para a compra do produto, descobre que não há mais um pendente. Com isso, tivemos que pensar em algo que conseguisse passar uma ideia semelhante, mas que ao mesmo tempo tivesse um formato interessante visualmente. Deste jeito, a solução que encontramos foi substituir por um relógio que possuía detalhes simulando uma corrente na pulseira e acabou por criar mais um significado, o tempo. Apesar de ela possuir as memórias com sua parceira, o tempo que passou

junto com a outra pessoa nunca volta. Dessa forma, como ainda faltava uma hora até dar o momento de almoço e já possuíamos o relógio que seria utilizado pela protagonista como amuleto e objeto que a faz lembrar de sua parceira, decidimos gravar a cena onde a Beatriz chega ao consultório e pouso o relógio em cima de uma mobília. Uma cena sem diálogos, apenas com ações. Foi gravado seis vezes o mesmo plano, as primeiras três vezes foram com a personagem retirando o relógio do bolso e as últimas três vezes com a personagem retirando-o do pulso, pois a maneira como ela tem o objeto consigo diz muito da forma como ela pensa e sente sobre aquilo. Assim, por ter gerado um pouco de dúvida na equipa, decidi gravar das duas maneiras e depois na montagem escolher aquele plano que faz mais sentido ao projeto. Com o relógio no local, percebemos que, por motivos de *raccord*, o relógio não poderia sair daquele local até a personagem de fato o retirar. Após concluir o plano, demos uma pequena pausa para posicionar a câmara, já que íamos fazer o primeiro plano conjunto dos dois personagens. No guião estavam descritos dois planos conjuntos dos personagens; em conversa com Egas, descrevi que em um plano conjunto a protagonista está mais distante emocionalmente, onde fala muito pouco. Já no segundo plano conjunto a personagem está mais emotiva, onde precisa de algum suporte e se sente mais pressionada pela emoção que sente. Com isso, fomos gravar o primeiro plano dos dois e decidimos afastar as cadeiras, para dar uma sensação de afastamentos entre a personagem e o doutor. Neste plano não havia falas, mas a personagem possuía um olhar distante e vazio, enquanto o psicólogo observava, à espera que ela dissesse algo. Este plano foi concluído de maneira rápida. No entanto, ao observar os brutos, dava a sensação de que estava levemente escuro, mas fui tranquilizado por Egas pois nas pós-produção dava para ser corrigido, pois não era algo grave. Por fim, fizemos uma pausa para almoço em equipa, pois o restante do dia iria ser muito ocupado.

Após finalizarmos a pausa, voltámos à rotina de preparar, posicionar a câmara e equipamentos para iniciar as gravações. Com um plano do doutor filmado durante o período da manhã, faltava ainda serem filmados outros seis planos, o que tornou o dia bastante exigente. O primeiro plano após a pausa foi o segundo plano conjunto, mas dessa vez as cadeiras em que os personagens estavam sentados foi aproximado. Assim, o objetivo era aumentar a sensação de aperto e angústia da protagonista, com um ambiente que a sufocasse. Neste plano haveria uma fala de cada. A estratégia que usei para fazer com que a atriz entrasse no clima e tom desta cena, foi ela começar a interpretar o texto algumas linhas antes. Assim, quando chegasse no momento de dizer a frase deste plano, ela já estaria mais próxima do tom ideal. Já o ator, por ele sempre possuir a mesma característica vocal e o gestual tranquilo, não houve grande dificuldade. No final, resultou num plano bem executado a nível de atuação. Contudo, o tempo durante as rodagens acabou por ser um dos maiores inimigos. Por estarmos tão envolvidos com todo o processo, alguns planos que filmávamos parecia que haviam passados apenas alguns minutos, mas, ao olhar para o relógio, percebíamos que haviam passado horas. Este e outros fatores me deixaram um pouco ansioso, mas não podíamos parar. Desta maneira, após finalizar o plano conjunto dos dois, iniciamos a preparação para filmar o plano pormenor do ator escrevendo em seu bloco de anotações. A gravação ficou boa logo no primeiro take, o que me fez tomar a decisão de avançar ao plano seguinte. Afinal, a meta era conseguir gravar todos os planos do ator neste dia. Conforme íamos

filmando os planos, alguns processos ficaram automáticos. O enquadramento, por inicialmente serem de planos conjuntos ou pormenores do doutor, decidi deixá-los mais tradicionais, sem tentar brincar com alguma variação de ângulo ou algo do tipo, pois ele na narrativa é o personagem que emocionalmente encontra-se estável. Continuando com as rodagens, no final da tarde faltavam ainda três planos a serem gravados. Eram os planos médios do ator e dele fazendo uma receção a Beatriz, enquanto ela entra no consultório. Estava determinado que faríamos os dois planos médios do ator e finalizaríamos com o atendimento dele a ela. Desta forma, iniciamos a preparação do espaço. Uma ideia que tinha era adicionar a atriz ao enquadramento de alguma forma, já que na cena não há som direto, mas há a presença de um *voice over* que tem como ideia ser o pensamento da atriz. Com isto, definimos que haveria um espelho dentro de campo que mostraria o rosto da atriz e ela a desviar o olhar, para não ser confrontada com o psicólogo. Com estes detalhes contemplados e prontos para gravar, fizemos alguns testes e depois prosseguimos para os takes definitivos. Após algumas filmagens, apesar de ser uma cena simples, o ator estava muito parado, o que dava a sensação de bloqueio e não de análise de um paciente como era o suposto. Com essa observação, ele propôs algo simples, mas que deixou o personagem mais fiel, retirar os óculos após terminar de escrever, para então, se preparar para falar com a atriz. A finalização das cenas do ator ocorreu no início da madrugada, mas todos os planos em que ele estava presente foram filmados com a devida qualidade, sendo que fatores como atuação e som ficaram bons e a imagem focada. Com a saída do ator, conversamos com a equipa, e por causa do dia anterior, talvez para não sobrecarregar os dias seguintes, poderíamos filmar pelo menos mais dois planos da atriz. Todos concordaram com a decisão e iniciamos o preparo dos planos, os quais possuíam diálogo, mas contavam apenas com a presença da atriz. Porém, por volta das duas horas da manhã, após vermos a previsão do tempo, decidimos abortar as filmagens, pois os projetores de luz estavam do lado de fora da casa e podiam a qualquer momento ficar molhados pela chuva. Assim, com a ausência de luz artificial e natural, nada podemos fazer a não ser voltarmos para casa para descansar. E então no dia seguinte regressarmos para poder fazer uma análise do que podia ser feito já que as previsões indicavam chuva para praticamente todos os dias restantes de rodagem.

2.5. Quinto dia de rodagens

Dia 5 de março, domingo. Neste dia, por causa da chuva e por termos finalizado de maneira tardia o dia anterior, decidimos nos reunir com a equipa apenas na hora do almoço no local habitual, a residência. Com todos presentes, percebemos que seria praticamente impossível filmar naquela sala, com as condições que tínhamos. Sem sol e sem a possibilidade de colocarmos os projetores de luz, o que fizemos foi especular o que poderia ser feito, pois não havia a possibilidade de alterarmos o local. Dessa maneira, trocar de local e iniciar as gravações do zero não era opção. Um comentário, que aparentemente parecia bobo, mas que aos poucos foi elevando-se, era de utilizarmos uma espécie de tenda que cobriria toda a área externa, um pátio que possuía dimensões de 4 metros de largura e 6 metros de comprimento. Com isso, toda a parte mais artística da equipa ficou na residência para ensaiar os planos com a atriz, e o produtor, Roan, juntamente com meu irmão, Nelson, foram atrás do material que serviria para cobrir a área aberta

da residência. Enquanto eles estavam lá, fizemos testes para ver como poderíamos substituir a luz, mas nenhuma tentativa teve resultado satisfatório, o que fez com que confiássemos na proposta de cobrir todo o espaço externo com um toldo. Ainda na espera por eles regressarem, fizemos uma reunião e definimos alguns detalhes: as cenas externas somente seriam filmadas se a previsão do tempo indicasse que haveria algum espaço de tempo sem chuva, caso não houvesse, eu teria de ir imaginando algo que pudesse substituir essa cena. Outro ponto que estava em dúvida era o regresso ao aeródromo, pois havia a possibilidade de apenas um dia estar sem chuva, portanto, a prioridade eram os planos que não haviam sido filmados ainda. Com a volta de Roan e Nelson, começaram os preparativos para cobrir o espaço externo. Foram necessários todos os membros da equipa para conseguir esticar toda a lona e fixar em um local elevado. As primeiras tentativas não foram bem-sucedidas, pois percebemos que não possuíamos alguns materiais necessários para a montagem e fixação da lona. O que fez com que Roan e meu irmão regressassem em busca desses objetos. Na ausência deles, percebo que a montagem do toldo era possível, mas iria requerer da nossa parte, paciência e calma, pois algumas pessoas da equipa estavam aflitas de que tal processo não funcionaria. Assim, quando os dois regressaram à residência, com tudo que era necessário para fazer a instalação da lona, iniciámos sob a minha liderança e de Egas a montagem da cobertura debaixo de chuva incessante. Todo o processo levou algumas horas, pois estávamos trabalhando com precaução torcendo para tudo estar selado, pois assim não haveria vazamentos que poderiam prejudicar os equipamentos. A demora também existiu porque precisávamos de total certeza de que a cobertura aguentaria a chuva e o vento. Desta maneira, após longos minutos, percebemos que a cobertura estava bem estável e fixa, o que proporcionou a possibilidade de iniciar a montagem dos projetores em segurança, para então iniciarmos as filmagens do dia por volta das 23 horas. Como havíamos feito alguns ensaios no período da tarde, todos os enquadramentos já estavam definidos. Assim, pelo facto de somente estar em questão os planos da Beatriz foi o momento em que tentamos explorar a criatividade no enquadramento. A princípio, filmamos os planos onde o rosto da atriz aparece apenas com a parte inferior, pois praticamente metade das cenas do consultório estaria envolvida numa mística para entender quem é aquela pessoa. Sendo assim, um elemento que para mim conta muito sobre a história e momento de uma pessoa são os olhos e queria praticamente limitar a visão do espectador. Sendo assim, os planos que conseguimos filmar nesta noite chuvosa de domingo foram, além do rosto, os pormenores das mãos e os tiques de ansiedade que a personagem tinha. Todas essas filmagens ocorreram de maneira positiva, mas houve um plano que considero um dos mais bonitos do projeto, um grande plano, onde tudo está desfocado, e no qual, conforme a atriz se movimentava, o foco fica exatamente em seu olho direito. Esse plano em específico foi um dos mais longos de toda a madrugada, afinal levaram cerca de 20 *takes* para conseguirmos um perfeito. O que deixou toda a equipa exausta, ainda mais a atriz, que além de estar cansada ainda teve algumas verdadeiras crises de ansiedade. A demora para conseguirmos um plano ideal não era culpa dela, pois o texto e atuação estava sendo feito da maneira ideal. Porém, por ser um plano em que ela se movimentava, o foco da câmara quase sempre estava no local errado, o que causava a repetição. Apesar disso, um dos fatores positivos da equipa de imagem é que somente finalizávamos um plano quando este estava perfeito. No entanto, o mais interessante é que o plano

que ficou ótimo foi quando o foco ficou no olho esquerdo, oposto à ideia pensada originalmente, mas, visualmente muito bonito. Então, depois deste dia extremamente cansativo, demos por encerradas as filmagens por volta das cinco horas da manhã, com equipa e atriz bem cansados, prontos para descansar para o dia seguinte.

2.6. Sexto dia de rodagens

Dia 6 de março, segunda-feira. Novamente, por termos finalizado mais tarde no dia anterior, o encontro aconteceu no almoço. Fizemos uma reunião, pois devido aos fatores externos, o mapa de rodagem não estava sendo cumprido, e dificilmente seria, o que poderia causar confusão com a atriz e os restantes membros da equipa. Dessa maneira, a reunião serviu para definir a ordem e prioridade do que iríamos gravar nos próximos dias, a começar pelo dia em vigor. Primeiro, deveríamos finalizar os planos de pormenor da Beatriz, depois teríamos que concluir os planos médios dela para então finalizar o último plano do consultório, que seria o mais complexo do local, pois seria feito com a técnica Dolly Zoom. Também começamos a nos planejar para os dias seguintes: na segunda-feira tentaríamos finalizar todos os planos interiores, especialmente os do consultório. Assim, no dia seguinte, durante período da manhã e tarde, iríamos gravar algumas cenas externas pois as condições do tempo estavam a melhorar. As cenas eram na frente do edifício do consultório e no antigo aeródromo, onde somente iríamos se houvesse condições para isso. Desta forma, finalizaríamos o dia seguinte no período noturno, com a cena da jornada de regresso a casa da protagonista. Assim, os restantes dias ficariam disponíveis para irmos à Serra da Estrela gravarmos a jornada, pois segundo a previsão do tempo, a chuva iria diminuir mais para o fim da semana, o que poderia possibilitar períodos de tempo seco. Com tudo definido, fomos observar se o toldo que cobria a área externa ainda estava inteiro. Foi verificado que sim, estava em perfeitas condições, da mesma forma como havíamos instalado. Assim, com isto decidido, prosseguimos para a montagem dos equipamentos e o preparo do texto com a atriz, pois a partir deste dia seria iniciada a gravação dos planos onde ela possui falas mais complexas, que exigiam coisas diferentes da atuação. Então, com tudo pronto, demos início ao primeiro plano do dia, mais um dos pormenores que havíamos iniciado no dia anterior. Porém, como o clima dentro do set era bom, conseguimos finalizar de maneira rápida a gravação. Assim, a partir do segundo plano, aumentou um pouco a exigência para a atriz. Mas, ela estava sempre positiva e muito aberta aos comentários e observações de todos. Com isso, neste plano em específico, um plano médio dela, decidimos tentar isolar ela um pouco mais, associando com um quadro que havia no local e utilizando as referências que possuíamos, especialmente o trabalho de Pawlikowski. Optámos por criar este contraste: posicionamos a Beatriz em um dos quartos do enquadramento, o que cria a sensação de afastamento. Este acabou sendo um dos planos mais diferentes do projeto, mas que ao mesmo tempo acabei por gostar bastante, desde a maneira como a atriz olha para o vazio até à maneira como foi enquadrado. Foi um plano que me saltou aos olhos. Porém, ainda havia mais alguns para tentar finalizar o dia. O mais desafiador foi justamente o último plano. Feito com utilização da técnica Dolly Zoom, este foi o último plano a tentar ser filmado, mas houve muita dificuldade para conseguir gravá-lo, pois o movimento não conseguia ficar suave o suficiente, o que causava um tremor conforme a câmara avançava para a atriz e impossibilitava um manuseio

do foco e do zoom de maneira efetiva. Além de que, neste plano a atriz tinha sua maior fala. O plano iniciava de maneira fixa, mas com um olhar dela para o relógio, o movimento era iniciado. No entanto, após inúmeras tentativas, nenhuma teve sucesso. O cansaço e frustração tomou conta da equipa e tivemos que finalizar pois já estava tarde e todos com muito sono, o que fazia que errássemos mais. Assim, teríamos que alocar este plano para filmar em um dos dias a seguir.

2.7. Sétimo dia de rodagens

Dia 7 de março, terça-feira. Novamente, por causa da rotina tardia dos dias anteriores, encontramos-nos na residência com a missão de filmar ao menos três planos externos. Após almoçarmos, fomos ao primeiro local onde iríamos gravar. Este lugar era exatamente na rua em frente à residência que estávamos, o que facilitou o processo de transporte dos equipamentos. A cena consistia num longo plano fixo, onde vemos algumas pessoas e veículos a cruzarem a rua. O objetivo inicial do plano, por ser um dos primeiros do curta, era que o espectador estivesse à procura de quem é o protagonista da história, desta forma num primeiro momento qualquer pessoa poderia estar relacionada ou não. O que criaria uma certa mística ao redor da imagem do personagem. Uma das referências que mostrei à equipa, para nos prepararmos a esta cena foi o longa-metragem português *Surdina* (Rodrigo Areias, 2019), pois havia alguns planos nas ruas da cidade neste filme em que a forma como foi filmado me interessava visualmente. Assim sendo, na hora de filmarmos, foi extremamente interessante pois o plano funcionou bem e o clima que tanto nos atrapalhava, começou a melhorar. Fato é que durante os *takes* que foram filmados, havia a presença dos raios solares, adicionando cor às paredes dos edifícios no entorno. Com o clima positivo, as filmagens desta cena ocorreram da melhor maneira. A equipa recolheu os equipamentos, pois voltaríamos ao antigo aeródromo para tentar refazer as filmagens que acabaram por ficar muito escuras. Decidimos ir um pouco mais cedo ao local para prepararmos com calma todos os equipamentos. Esta cena seria um pouco emotiva para a personagem, portanto o nível de concentração dela deveria estar elevado. Mas, mesmo com o alto nível de exigência que tínhamos neste projeto, a atriz, nesta fase da produção, surpreendeu a todos, pois mesmo com as dificuldades impostas por fatores externos, mas também os horários alargados, ela demonstrava empenho e muita força de vontade para concluir todos os planos da melhor maneira. Todos da equipa foram exemplares em cada processo do projeto. Com isso, estávamos num dos dias mais estáveis a nível de clima, esperámos o início do final da tarde para gravarmos a cena que antecede as memórias da protagonista. Desta forma, a aparência dela deveria misturar feições de reflexão com sentimentos de emoção por visualizar algo que não compreende muito bem o significado. O plano iniciou, a câmara estava sendo utilizada com o apoio do *shoulder*, Beatriz caminha em direção ao equipamento, sempre olhando para baixo, ela para, olha para cima e percebemos que ela encontra aquilo que procura. Então fica parada admirando a vista e volta a caminhar em direção às luzes da cidade, que gradativamente vai engolindo-a. A princípio essa era a ideia; no entanto, tivemos dois problemas. Nos primeiros planos que gravamos, o céu estava perfeito, com alguns tons rosas e dourados, muito característicos do famoso *Golden Hour*, porém, só tivemos esses tons neste momento, pois o céu ainda estava com algumas nuvens que indicavam possibilidade de chuva; mas, no momento que a atriz caminhava em sentido a cidade, não havia

luzes suficientes para o efeito *bokeh*. Entretanto, conforme o tempo passava, mais luzes da cidade iam acendendo, permitindo a utilização de tal efeito prático. Porém, o plano já estava um pouco escuro. A solução pensada no momento foi me colocar no lugar do montador. Assim, percebi que haveria a possibilidade de ter um corte entre os dois planos, seguido das memórias e então o regresso ao rosto da Beatriz. Desta maneira, a variação da luz natural, criaria um contraste interessante, indicando um lapso temporal. Então, com esta cena concluída e de uma maneira muito mais satisfatório do que a filmada no dia 3 de março, fizemos uma pausa para jantar. Após isto seguimos para uma das ruas, que fazem parte da cena que chamamos de jornada de regresso, pois a personagem retorna a sua residência, ainda sem entender muito bem o que vivenciou. Novamente, sem surpresas, fomos forçados a filmar a cena debaixo de chuva, que não era muito forte é claro, mas suficiente para molhar uma pessoa sem sombrinha. Conseguimos alguns recursos para equipar a todos e proteger o equipamento da água. Neste momento, já utilizávamos as lentes soviéticas quando iniciamos a filmagem, e vários fatores contribuíram para deixar o plano muito bonito visualmente. O fato de estar chovendo, em uma rua com postes mais antigos e com uma lente que cria um desfoque único, ajudaram para um plano que possuía literalmente um *flare* em formato de arco-íris, algo único em toda a fotografia do projeto. A caminhada da atriz ocorreu de maneira tranquila e controlada, sem nenhum problema e com um plano belo. Com a finalização desta cena, fechamos o dia. Em comparação aos outros dias, conseguimos terminar de maneira mais cedo, por volta das 23 horas, o que possibilitou a equipa dormir mais. Afinal, como ainda faltavam algumas cenas da jornada, o dia seguinte ficou reservado para irmos a Serra da Estrela filmarmos na Lagoa Comprida, pois no período da manhã não teria chuva, apesar da indicação de presença de nevoeiro.

2.8. Oitavo dia de rodagens

Dia 8 de março, quarta-feira. Acordamos todos cedo, eu e Egas quase não dormimos, pois preparamos as sandes que todos iriam comer. Afinal no local para onde íamos não possuía local para alimentação. Por volta das 10 horas da manhã, estávamos todos prontos na residência. A viagem até a lagoa, demorou cerca de 40 minutos, com bastante chuva e nevoeiro. Contudo, ao chegar no local, uma bela surpresa, não havia chuva, apenas um vento de média intensidade e um denso nevoeiro que deixava a paisagem extremamente mística e envolvente, que em muitos momentos me lembrava a atmosfera do longa *The Tragedy of Macbeth* (Joel Coen, 2021). Com isso, já havia desistido da ideia de filmarmos no período do Golden Hour, pois a chuva durante a semana não dava tréguas; apesar de em alguns momentos não chover, o céu sempre estava com nuvens. Apesar disso, começámos a visitar o local, pois havia uma grande oportunidade de fazermos toda a jornada neste local. Assim, o primeiro local a ser visto foi de fato a lagoa e sua barragem, com a névoa. A impressão era que a lagoa não possuía margem, visualmente todo o local contribuía para passar a mensagem que a personagem estava perdida, mas com sua atuação poderia se mostrar decidida a encontrar algo que parece ser impossível. Desta maneira, após vermos a zona da lagoa, decidimos os pontos a gravar e começamos a explorar os locais ao redor, para ver se havia outra zona de interesse. Não só havia uma, como muitas zonas em que a composição ao redor ajudava a passar a mensagem pretendida. O primeiro lugar de interesse

parecia ser uma pedreira, com alguns desfiladeiros no perímetro, que davam a sensação de aperto, mas quando gravado no lado oposto ao que estávamos, o efeito era o contrário, pois com o nevoeiro parecia que não havia fim e qualquer pessoa que cruzasse o caminho aparecia e desaparecia rapidamente. O segundo e terceiro locais de interesse faziam parte de uma estrada de terra onde a composição do quadro seria desproporcional pois havia uma árvore muito grande e alta que contrastava com a atriz, pequena e delicada. Assim, com os locais já escolhidos, decidimos, fazer uma pequena pausa para o almoço, para então iniciarmos as gravações. Por causa do frio, decidimos comer dentro dos veículos. Quando estávamos por terminar de comer, o clima mudou repentinamente e começou a chover com bastante intensidade. Dentro dos carros, decidimos esperar para ver se a chuva reduzia, o que nos custou longos minutos, mas depois de um certo tempo, a chuva deu uma cessada. Desta maneira, decidimos começar a nos preparar para filmar, começando pelo último lugar que havíamos visto. Com tudo pronto, chegamos no local em uma caminhada de cerca de 10 minutos. No lugar havia uma construção que serviu de suporte para nós, pois possuía cobertura e não estava sendo atingida pelo vento. Mas ao começar o planejamento para a gravação do plano, a chuva decide regressar, e com muita intensidade, o que nos deixou sem alternativa a não ser esperar pela melhoria debaixo da cobertura. Entretanto, o tempo passou e a chuva não reduzia, atrapalhando todo o cronograma do dia. Sem contar que, por causa do vento, a chuva vinha de maneira lateral, o que fez todos da equipa ficarem completamente molhados. Um outro fato que começou a acontecer a partir daquele dia foi que Beatriz havia conseguido um trabalho novo e, portanto, neste dia e no dia seguinte, ela entraria por volta das 21 horas, o que fez com que o tempo ficasse mais apertado ainda. Com isto em mente, percebemos que era melhor abortar as gravações na Lagoa Comprida e voltar para a residência para ver se ainda havia tempo para gravarmos uma das cenas finais, que seria dentro da casa da protagonista. A viagem de volta foi frustrante, pois havíamos chegado no local mais longe de toda a produção e não conseguimos gravar um plano sequer; e para piorar a situação havia a possibilidade de não conseguirmos filmar, por causa do outro trabalho da atriz. Este, certamente foi o dia mais frustrante de toda a rodagem, pois nos outros dias conseguimos encontrar soluções para os problemas, mas neste, não. Assim, de regresso à residência, percebemos que o horário de fato já não possibilitava a gravação da cena interna, mas em conversa com Beatriz ela disse-nos que após o trabalho poderíamos voltar a gravar os planos pretendidos para o período. Ela iria sair do trabalho por volta das 02 horas da manhã. Dessa maneira, demos um descanso a toda a equipa, enquanto Egas, eu e Ana Santos, a assistente de imagem, preparámos o local para no momento em que a atriz saísse do trabalho, ela chegando à residência, nos filmávamos. Então, no momento em que a Beatriz saiu do trabalho toda a equipa estava à espera dela em seu local de trabalho. Ela, apesar do horário, estava bem animada e bem-disposta, brincando com a situação e querendo filmar os planos que havíamos planejado. Com isto, além da cena interna na casa da atriz, havia ainda outros dois planos externos da jornada de regresso dela, que, para facilitar um pouco, encontramos dois locais interessante ao lado da casa da atriz. Assim, gravamos os dois planos de maneira rápida e prosseguimos para a residência a fim de filmar a cena. Uma cena sem falas, onde a personagem entra na sala de estar da residência e apoia o relógio em cima da fotografia dela com sua antiga parceira. O fato de a atriz estar cansada ajudou na forma como ela

desempenhou na cena. Ela estava cansada, mas focada para fazer tudo certo. Desta forma, conseguimos filmar o plano em três *takes*. E decidimos finalizar as filmagens, pois o dia seguinte seria o último dia completo de rodagens e, portanto, deveria ser imensamente aproveitado. Nesta altura, os planos que ainda estavam por filmar eram seis: os planos da jornada de aceitação que iriam ocorrer na Lagoa Comprida, o plano final da protagonista que seria em outra casa, onde seria filmada a fachada do local, o último plano do consultório, que não havia dado certo com a técnica *Dolly Zoom*, e a cena da projeção das memórias da Beatriz. Tudo isso com um fator suplementar: a atriz iria trabalhar novamente, portanto, a hora e o clima eram nossos inimigos. Assim, o dia ia se encerrando com uma pressão gigantesca para o seguinte, pois no dia 10 das rodagens os equipamentos deveriam ser devolvidos no período da manhã, o que faz com que na prática o último dia de rodagens seja o dia 9 de março. Porém, apesar de não termos conseguido filmar as cenas externas da jornada na viagem frustrada que havíamos feito durante a manhã, houve um ponto bastante positivo, pois, em conversa com a equipa, chegamos ao título definitivo do projeto. Quando apresentei o *pitch*, foi sob o nome provisório de *Entre Linhas*, contudo, com o maior desenvolvimento na escrita do guião, ele passou a se chamar *À Espera da Primavera*, pois a personagem estava vivendo um momento sombrio em sua vida e com isso estava esperando algo acontecer para sua vida voltar a florescer. No entanto, com este título ainda não sentia que era o ideal para o projeto, outras pessoas também haviam dito o mesmo, mas até o momento não tinha imaginado uma solução melhor. Foi então, com os acontecimentos durante as rodagens, mais especificamente durante este dia 8, que após passarmos imensos períodos de tempo sem poder gravar, ficando a mercê do tempo, Ana acabou dizendo uma expressão conhecida em português, mas que nem sequer havia passado em minha cabeça: “dar tempo ao tempo”. Realmente, a expressão fazia muito sentido no nosso projeto, ainda mais com tantos problemas que ocorreram durante todo o processo, mas que foram sendo resolvidos com o tempo, paciência e criatividade de toda a equipa. Desse jeito, apesar de todas as dificuldades, pelo menos ainda foi possível dar nome ao projeto: *Tempo ao Tempo*.

2.9. Nono dia de rodagens

Dia 9 de março, quinta-feira. Acordamos todos cedo e nos encontramos na residência. A ordem de planos a filmar neste dia foi definida da seguinte maneira: dois planos externos durante a manhã, um destes planos era o primeiro da jornada, situado no momento em que a personagem está com amigos, mas, mesmo entre eles, não consegue encontrar apoio e suporte. O segundo plano a ser filmado nesta manhã era um plano fixo da fachada de uma casa, onde a personagem iria abrir a janela, indicando o início de uma nova fase. Inicialmente a ideia era este plano ser o final do filme, mas por ser um plano muito neutro, poderia ser utilizado como abertura, dependendo da forma como fosse olhado na montagem. Após filmarmos estes dois planos, tínhamos a tarefa de voltar para a Lagoa Comprida, mas desta vez com a equipa reduzida para não nos alongarmos demais com o transporte. Desta maneira, teríamos que voltar para a Covilhã, fazermos uma pausa, para então, às 2 horas da manhã, quando a atriz retornasse do trabalho, filmarmos mais três planos. O plano final do consultório seria realizado sem a utilização do *Dolly Zoom*, seria um plano fixo que permitia, por causa da definição de imagem elevada, utilizar o

zoom digital na pós-produção. Assim, depois de filmado esse plano seguiríamos para a cena das projeções. Com tal quantidade de planos por filmar, qualquer erro poderia atrapalhar no restante planejamento, causando assim um efeito dominó. Por isso, saímos da residência confiantes de que tudo daria certo, mas com o pensamento de que caso algo não saísse como planejado deveríamos estar prontos para ser criativos e pensar em alguma solução mais prática. Com isto em mente, fomos preparados para filmar os dois planos do período da manhã. O plano geral da fachada da casa da protagonista funcionou perfeitamente. Totalmente simétrico, com a personagem abrindo uma das janelas. Enquanto o tempo passa, ela acende um cigarro. Toda a execução foi bem feita, o que fez com que em apenas uma tomada o plano estivesse pronto. Assim, faltava a última cena do período da manhã, mas houve dois problemas relacionados com a produção. Primeiro, o local onde pensávamos filmar deu autorização, mas um funcionário do café com uma tamanha má vontade não deixou a esplanada ser montada. Além disso, houve um outro problema: os figurantes que fariam o papel de amigos da personagem não estavam presentes na hora em que iríamos gravar, por falha de comunicação entre a produção e eles. Sendo assim, como a intenção deste plano era mostrar o isolamento do personagem, decidimos que o plano poderia ser substituído por outro na Serra da Estrela. Para não perdermos tempo, fomos com a equipa reduzida a caminho da Lagoa Comprida, pois as condições climáticas indicavam que o tempo iria melhorar conforme as horas passassem. Então, quando chegamos ao local, o tempo estava muito semelhante ao dia anterior, muito nevoeiro, mas sem chuva. Decidimos que o primeiro plano a ser gravado seria o plano da pedreira, onde a protagonista aparece e desaparece repentinamente. Foram necessárias três tomadas para a chuva iniciar e logo aumentar de intensidade, fazendo com que a equipa comesse a se molhar. Graças a lição aprendida no dia anterior, não ficamos encharcados. Assim, como a situação na zona da lagoa de fato não estava melhorando, optamos por finalizar as filmagens no local e então iniciar a viagem de regresso. Dentro do carro, veio a decisão de, como o clima sentido na Covilhã estava melhorando, caso alguém dentro do carro conhecesse um local com uma vista interessante, que dissesse, pois poderíamos utilizar como um plano substituto e tentar transmitir a mesma mensagem através do plano novo. Com isso, vieram as primeiras sugestões. Primeiro foi o Lago do Viriato, na estância turística de Penhas da Saúde. Com vento muito forte e também chuva, a água do lago estava tão agitada que me lembrou o movimento das marés, mas mesmo após procurar algum ponto do lago onde estivéssemos protegidos do clima, não conseguimos encontrar. Sendo assim, aquele local foi logo descartado. Outro lugar que parecia promissor, mas que demonstrou não ser possível, foi o miradouro do sanatório, mas novamente por causa da chuva e vento era praticamente impossível. Assim, pensei em um local que normalmente utilizo para fazer caminhadas, o local se chama Caminho da Rosa Negra, uma estrada de chão que possui algumas residências, fincadas no paredão da Serra da Estrela, com vista para a Covilhã. O local tinha uma vista linda da Cova da Beira, mas deixei claro que não queria utilizar a imensidão da paisagem como cenário, pois achava que ia no sentido oposto ao que imaginava. Por isso, queria brincar com curvas, algo que demonstrasse que ela está à procura de algo, mas o cenário podia ajudar como se ela estivesse perdida. Desta maneira, pensamos logo em filmarmos a estrada, pois adicionava alguns caminhos e a personagem ia misturando-se entre eles. Este plano foi filmado em apenas um *take*. Com isso, quando

retornamos ao carro, para descobrir outros locais, Beatriz disse que havia um parque próximo da zona de campismo da Covilhã e que ali poderia ser interessante. Todos ficamos interessados, eu gostei da possibilidade, pois o parque é isolado, assim poderia criar uma conexão entre a natureza e a solidão. O que encaixa na mensagem de toda a jornada. Ao chegar no local, começamos por estudar todas as possibilidades de enquadramentos. Após alguns minutos e com condições muito favoráveis, encontramos três pontos que poderiam funcionar muito bem com a cena. O primeiro que filmamos funcionaria como plano substituto do que não conseguimos filmar na manhã deste dia por não haver figurantes. Desta maneira, seria filmado um plano geral da atriz em um local que possuía algumas curvas que apontavam para a atriz, a ideia é que fosse algo mais contemplativo, ao mesmo tempo que ela vai pensando. A cena teria a presença de *voice over* adicionado depois na pós e também poderia ser adicionado um *zoom out* digital, para ficar mais coerente com o plano que o antecede, o último plano do consultório. Na sequência, filmamos outros três planos onde víamos a protagonista a caminhar, sempre se afastando da câmera. O movimento que ela efetuava nos planos era sempre muito parecido, mas o enquadramento era diferente. A ideia que tive para a cena da jornada após não conseguir utilizar os planos sequência que imaginava inicialmente, é que a câmera fosse parte do cenário: apesar de estar fixa, o movimento seria adicionado na pós-produção, assim a câmera teoricamente seria levada pelo vento como as folhas das árvores que observam a atriz. Com todos os planos da jornada devidamente substituídos por planos que passavam uma mensagem semelhante, regressamos à residência, pois ainda havia outros três planos a serem filmados. Planos estes que eram os últimos de toda a gravação. Portanto, ao chegarmos no local, a atriz foi descansar, pois iria trabalhar. Enquanto isso, a equipa de imagem, juntamente comigo, começou os trabalhos para preparar o consultório. A primeira tarefa que fizemos foi posicionar a câmera onde o enquadramento ocorreria e assim fizemos as marcações no chão para já deixar definido. Depois confirmamos que de fato o plano seria filmado de maneira fixa e o *zoom* iria ser adicionado posteriormente de maneira digital. Outro ponto que fechamos foi a edição de um pequeno filme de memórias feito com alguns planos que filmamos no início das rodagens e outros já feitos há algum tempo devido à amizade entre a atriz e a Mónica. Desta maneira, com o vídeo editado, fizemos algumas projeções testes para ver se funcionaria da maneira como idealizamos. Como tudo estava preparado, novamente como no dia anterior, esperamos a atriz sair do trabalho para podermos iniciar as filmagens. Após ela chegar na residência, todos se prepararam para gravar o último plano da cena do consultório. Por não haver qualquer movimento de câmera, não houve algo que atrapalhasse. Afinal, a atriz já estava adaptada ao texto e na minha opinião, associado ao cansaço, contribuiu para uma atuação que classifico como a melhor do consultório e uma das melhores atuações durante todo o projeto. O tom de voz, o olhar, a postura, todos estes elementos contribuíram para um plano muito bem interpretado, no meu entendimento. Contudo, ainda havia mais dois planos para serem filmados, bastantes subjetivos, porque a orientação que dei foi olhar para as projeções, respirar fundo e tentar imaginar como seria perder aquela amizade, vendo tudo aquilo que já viveu e sentiu. Assim, com base nisso, preparamos a sala desligando as luzes e deixando o projetor apontado para o pano branco: o vídeo das memórias era projetado sobre o corpo da atriz, o que gerava algumas sombras no pano, e câmera, com o ótimo trabalho

de Ana, que acompanhava Beatriz. Foram cerca de 15 minutos gravados, pois os movimentos que a atriz fazia eram muito calmos, seu olhar era sereno, mas conforme ela ia entrando no personagem, começaram a ficar lacrimejantes conforme ela observava as imagens. Penso, que a orientação que dei, somada ao fato de a outra pessoa presente nas memórias ser uma amiga muito próxima, funcionou bem. Beatriz conseguiu dar tudo de si. Eu pessoalmente, também fiquei um pouco emocionado pela forma como ela atuou. As orientações para a sua atuação durante a cena quase não existiram pois já estava da maneira como pensava. Então, com a finalização deste primeiro plano, fomos para o seguinte e último plano. Que era praticamente o mesmo, mas iria ser filmado na parte de trás do pano. Não haveria projeções diretamente na atriz, mas ela teria as luzes do projetor incidindo em seu rosto. Nesta parte, a atuação foi tão boa quanto a anterior, porém gravamos em menor quantidade, cerca de dez minutos. É engraçado pensar nisso, mas os planos foram muito longos, pois apesar do cansaço de todos, o resultado estava ficando muito bonito, assim foi difícil dizer corta, ainda mais depois de todos os problemas que tivemos no decorrer da semana. Mesmo assim conseguimos concluir quase todos os planos, e naqueles que não foram possíveis conseguimos substituir por planos à altura dos idealizados, sendo importante para manter toda a visão do projeto, fiel à forma como ele foi concebido. Portanto, com o último plano do projeto filmado, finalizamos a noite, com Beatriz indo dormir.

2.10. Décimo dia de rodagens

10 de março, sexta-feira. Não dormi, creio que a equipa também não, com exceção da atriz. Após Beatriz sair do local e ir dormir, ainda tínhamos muito trabalho pela frente: precisávamos desmontar todos os equipamentos, reorganizar todo o local onde o projeto se fixou por 10 dias, além de recolher a cobertura que colocamos na zona externa da casa e que protegeu os projetores durante grande parte das rodagens. Desta maneira, o horário já passava das 5 horas da manhã e havíamos marcado a entrega dos equipamentos no armazém da UBI por volta das 10 horas da manhã. Tratou-se de um processo cansativo, que consumiu cada minuto, mas que com a cooperação de todos foi possível ser concretizado a tempo. Após termos entregado todos os equipamentos, ainda havia alguns detalhes de produção a serem resolvidos e que eu acabei tomando liderança para isso. Dessa forma, ainda faltava levar o veículo alugado a locadora, que por motivos financeiros e também de faixa etária, foi feito em outra cidade. Afinal, foi a única empresa de aluguel de veículos que aceitava condutores com 21 anos, sem a utilização de uma taxa abusiva por ser condutor jovem. Com esses pontos resolvidos, havia ainda algumas cicatrizes que o projeto deixou, mas que seriam resolvidas nas semanas seguintes, como a porta do meu veículo pessoal que sofreu um pequeno amassado após uma ventania muito forte na Serra da Estrela e também uma janela partida na residência em que ficamos durante as rodagens. Fora estes detalhes, tudo correu de maneira positiva. E assim, para finalizar as rodagens em grande, fizemos um jantar em equipa, e mesmo que estivéssemos felizes e querendo celebrar, meu corpo queria dormir - afinal foram dois dias praticamente sem dormir e 10 dias anteriores mal dormidos.

3. Pós-produção

3.1. Montagem

Após finalizarmos as rodagens, os brutos precisavam de um certo distanciamento e um certo repouso para poder iniciar a montagem. Nesse período foi feita a visualização dos brutos, a apresentação deles para a equipa e para outras pessoas. Esse tempo de espera foi essencial para entender quais eram os planos mais poderosos e a partir disso ir traçando trajetórias sobre como o processo de pós-produção poderia ser feito. Passados cerca de três semanas, apesar da procura por alguém que pudesse fazer a montagem ter falhado, decido, por curiosidade, fazer um primeiro corte. Este foi feito de maneira extremamente fiel ao escrito no guião. Resultou em uma obra de cerca de 20 minutos, sem créditos. Porém ao assistir, já conseguia ver os pontos fortes e pontos fracos do projeto e quais poderiam ser as soluções para corrigir. Mas a maneira como eu gosto de trabalhar é definida por concluir algo, fazer uma avaliação do que está errado, mostrar para outras pessoas e saber da opinião delas, pois gosto de trabalhar com feedback porque ajuda nos momentos em que estou um pouco perdido sobre o que fazer. Foi o que fiz, mostrei o corte, primeiro para meu orientador, que fez alguns comentários principalmente sobre a rapidez com que os planos do consultório iam sendo exibidos. De fato, os planos do consultório havia muitos cortes e eram muito rápidos, alguns planos chegaram a ter três ou quatro segundos de duração. Com isso, a sugestão que me agarrei foi levar em conta o nome do projeto, *Tempo ao Tempo*, e tentar aplicar isso a cada plano, deixar as cenas respirarem um pouco mais. Aumentar um pouco o ar misterioso ao redor da protagonista, fazer com que os momentos em que vemos alguns pormenores dela ou de seu rosto tivessem um destaque maior. Desta maneira, percebi que haveria, sim, dificuldades, mas que elas poderiam ser ultrapassadas com paciência e trabalho. Logo após esse encontro onde outros pontos também foram abordados, decidi iniciar um novo corte. Tentei dar prioridade aos planos de pormenor da atriz e alguns planos do ator. Mas esbarrei no primeiro problema: um dos melhores planos do ator e que demonstrava ser muito útil na montagem foi aquele que o psicólogo faz suas anotações no bloco de notas. O problema era que este plano foi gravado em apenas um *take*, que de fato estava bom, mas que infelizmente me tirava a possibilidade de utilizá-lo mais vezes na montagem. O único fator que ajudava era que este plano tinha uma duração mais longa e então poderia dividi-lo em dois para usar mais de uma vez. Outra mudança que tive que fazer para adequar ao aumento da duração de algumas partes foram os planos conjuntos dos dois atores, que, mesmo que a ideia de afastar e depois aproximar deles estivesse clara na minha mente, na hora que vi o primeiro corte finalizado algo parecia não estar correto. Dessa forma, após ver que as opiniões alheias eram sempre semelhantes, como estes planos causavam uma confusão não imaginada ao espectador, decidi por abrir mão deles. Assim, o foco ao assistir mudava, pois as transições ficavam mais suaves e esperadas. Com o desenvolvimento do novo corte, surgiu a necessidade de gravarmos os *voice over* com a atriz. A data para a gravação foi marcada e prosseguimos para o registo dos textos no estúdio da universidade. Porém, a Beatriz havia adoecido e estava em processo de recuperação. Sua voz ainda não estava inteira. O que me fez tomar a decisão de apenas utilizarmos essa sessão como gravação para utilizar os áudios como referência. Assim, ela teria uma noção do que seria dito e ajudaria na

montagem, pois com o monólogo dela eu conseguia ter mais ideia em relação ao tempo que cada plano realmente deveria ter. Assim, com os ficheiros de áudio em mãos, continuei a montagem, mas tive que tomar uma outra decisão importante. Os planos da jornada de aceitação da personagem estavam todos muito interessantes, com uma duração próxima do ideal e com um ritmo que nos levava à cena das projeções, onde claramente era o clímax de toda a história. Porém, todos os planos após esta cena já não faziam mais sentido e não tinham o mesmo impacto. O que me fez começar a ponderar retirá-los. Afinal, não adicionaria nada novo à história e estaria trazendo um problema porque criaria confusão no espectador, dado que o filme parecia que era finalizado no meio. Portanto, o novo corte teve algumas mudanças significativas em relação ao primeiro, nomeadamente a retirada dos planos finais, com exceção do plano simétrico da casa da personagem, que apesar de ser plano muito bonito esteticamente, a sua mensagem era muito neutra e não influenciava a história do curta se fosse no início ou no fim. Então, coloquei este plano para fazer a abertura do projeto, um plano fixo, que nos traria uma contextualização aos sons da cidade e a personagem, mas sem revelar de fato quem ela é. As restantes mudanças foram sempre com foco no consultório, no aumento da duração dos planos, manter aqueles que considerava estarem perfeitos, mas retirar os que não estão totalmente de acordo, pois um grande problema para aumentar a duração dos planos é que havia de fato muitos. Para a cena do consultório, foram filmados 15 planos, dessa forma caso aumentasse a duração sem qualquer tipo de controle, eles acabavam por se sobressair e criavam conflito com os áudios, principalmente aqueles gravados de forma direta. Desta forma, com este corte pronto, consegui perceber que a sequência da jornada estava praticamente fechada. No momento que finalizei este corte a composição da música ainda não estava pronta, com isso utilizei uma música como referência que pudesse demonstrar as sensações que eu imaginava para a cena. Porém, neste corte o desafio continuava na cena do consultório, pois gerava um contraste entre a sequência da jornada com bastante som. Mas, a utilização das falas captadas em direto, no dia das rodagens e com os diálogos gravados em estúdio não estava boa, o que me incomodava era que cada áudio dos planos do consultório estava diferente entre si, o que gerava uma confusão a quem assistia. Além disso, apesar dos monólogos gravados com a atriz terem sido apenas usados como referência, ajudou a perceber que as falas deveriam ser feitas com uma leitura do texto de forma mais lenta. Outro ponto é que as frases dos planos finais já não seriam mais utilizadas devido à retirada dos planos pós-jornada e das memórias. Outros pontos que incomodavam eram alguns planos que ainda continuavam muito curtos, mas que tive dificuldade em aumentar a duração devido a não ter estendido a gravação durante as rodagens. Uma outra dúvida que surgiu após a exibição com algumas pessoas da equipa era que o plano final, por mais que fosse bonito, ele estava desconectado do restante do filme. E, portanto, talvez fosse momento de imaginar uma possível exclusão; por mais que fosse belo, há certas coisas que infelizmente tem de ser feitas pelo bem do projeto. Ao mesmo tempo imaginei que, após considerar todas as críticas de meus colegas, membros de equipa e orientador, uma forma para tentar corrigir a cena do consultório seria regravando praticamente todos os monólogos e falas da atriz. Assim haveria um controle maior do som, sem contar que a atuação dela estaria mais controlada ao que eu imaginava. Desta forma, indiquei-lhe que o plano final do consultório era o nível de atuação ideal para a forma como

os diálogos seriam ditos. Houve alguns ensaios e iniciámos todo o processo desde a primeira fala até à última. Ao utilizar esses monólogos na montagem, aproveitei para aperfeiçoar os planos do consultório que continuavam muito rápidos e fiz um trabalho de pente fino nos ficheiros para encontrar alguns planos de preenchimento ou mesmo planos que não foram utilizados para usar no novo corte. Assim, consegui achar três novos planos que possuíam a duração ideal e que, com o *voice over* por cima, acabaram por ficar bem interessantes. Com essas mudanças, o projeto caiu de 18 minutos para cerca de 15. Apesar de ficar três minutos mais curto, a cena do consultório aparentava ser mais lenta e com o ritmo mais próximo do idealizado, o que me deixou confortável para decidir ser este o corte final. Ao todo foram feitas cinco versões diferentes até chegar numa trancada.

3.2. Cor

O processo de colorização do projeto foi conversado com Egas desde o início do projeto. A ideia inicial era que o filme tivesse uma evolução de saturação e cor conforme a protagonista fosse avançando em sua jornada. Dessa maneira, os planos do consultório teriam cores mais sóbrias e menos vibrantes que contrastassem com os planos da jornada e das memórias. Porém, durante as rodagens, todos os planos foram filmados com o *log* da câmara ativado e com a adição do *LUT* em um primeiro momento percebe-se que a nível de cor não há muita necessidade de tratamentos, o que tornaria o processo apenas na correção de alguns planos, especialmente no consultório, para deixar todos muito homogêneos esteticamente.

3.3. Som

Em relação ao som, trata-se de um processo um pouco mais complicado e trabalhoso, pois apesar de ter havido muita captação de áudio durante as rodagens a impressão inicial é que deveria ser adquirida uma biblioteca do áudio, a fim de complementar todo o trabalho de edição e mixagem de som. Com isso, as cenas onde foi necessário ter mais atenção são as iniciais, pois toda a maneira como o som for colocado criará a atmosfera sonora que vai acompanhar todo o projeto. Outra cena onde este trabalho se faz muito exigente é o consultório. Parece repetitivo até, mas apesar da cena ter uma boa qualidade, o fato é que ela ainda necessita algo que somente o som conseguirá trazer, tentando trabalhar uma musicalidade do ambiente, mas sem ser literalmente uma música. Por exemplo, utilizar os sons da cidade, como veículos, buzinas, cães e pássaros em momentos específicos para aumentar ou diminuir a tensão da cena. Porém, é um trabalho que ao ver o projeto pronto, não aparenta grandes mudanças em relação à ideia inicial. Mas é fruto de um longo trabalho de mixagem e edição de som.

3.4. Música

Para completar, um tema muito importante para todo o filme é a presença de uma música marcante, que defina um pouco o tom do filme, especialmente na segunda parte do projeto. Para entender essa minha fixação por música impactante para o projeto, temos que entender meu

fascínio por música erudita, seja ela contemporânea ou mais antiga. Isso foi um fator para eu criar conexão com muitos cineastas e compositores, por causa das músicas envolvidas em seus projetos. Assim, no projeto *Tempo ao Tempo*, penso não ser diferente, pretendendo uma música com um bom crescendo, com uma característica mais melancólica e especialmente um clímax para a cena das memórias. Esses são elementos cruciais para a identidade sonora do projeto. Por isso, em conversa com o compositor, deixei claro minhas referências musicais, muito voltadas ao trabalho de Max Richter, um compositor anglo-alemão que possui como principal característica um estilo mais minimalista, entretanto com melodias extremamente poderosas. A principal referência que utilizei para o projeto a nível de música foi *The Nature of Daylight*, de Richter, uma música feita com base nos instrumentos de corda e constantemente usado em produções americanas como *Arrival* (Denis Villeneuve, 2016) e *Shutter Island* (Martin Scorsese, 2010). Assim o desafio foi criar algo que tenha o mesmo impacto que esta referência, mas que ao mesmo tempo seja original e possua características que se adequem ao projeto. Em conversa com o compositor, disse que não imponho uma quantidade de instrumentos, nem quais instrumentos devem estar presentes. Obviamente para este projeto, sou mais adepto de uma abordagem minimalista, mas o que me importa é se a sensação ao ouvir a música é semelhante ao que a imagem me passa. Se for este o caso, a música está aprovada; se não, serão necessárias alterações. O compositor havia me dito que tinha preferência por utilizar instrumentos como o piano e colocar em alguns detalhes da música alguns instrumentos de corda, pois se a música fosse predominantemente feita a base de instrumentos de corda, poderia haver a sensação de que os instrumentos são artificiais por ser produzidos através de um software. Portanto, com a definição do instrumento base, toda a criação começa a acontecer de maneira natural até estar finalizado. O importante, como escrevi anteriormente é haver uma conexão entre a música que é ouvida e a imagem que o espectador vê, algo que aumenta a imersão e faz com que toda pessoa que assista o projeto sinta aquilo que a personagem sente.

Conclusão

Com a finalização de todas as etapas do processo de criação deste curta-metragem, a começar pela ideia inicial, depois o planejamento de como iria ser organizado tudo, o início das rodagens com os níveis de ansiedade muito altos e, por fim, a concretização do projeto no processo de montagem, posso afirmar que tudo foi importante para me fazer evoluir. Evoluir como profissional, como ser humano e como artista, sabendo reconhecer o esforço de toda a equipa e dar atenção aos momentos em que cada um precisava de ajuda, de apoio. Dessa forma, penso que o projeto foi importante para me aprofundar nas questões pessoais, dar mais valor ao outro, ter consciência de que o passado não retorna e que por isso devemos viver bem, para podermos ter memórias boas das experiências que tivemos e das pessoas que estiveram connosco durante as diferentes fases de nossas vidas.

Portanto, concluo este projeto de maneira mais madura do que iniciei, quer subjetiva quer cinematograficamente, pronto para desempenhar novas funções e fazer novos projetos, preparado para continuar a assistir filmes com o objetivo de entender como o cinema continua a mudar, apesar de muitas histórias e narrativas serem parecidas. Dessa forma, todas as experiências que vivenciei durante as rodagens serviram também para me ensinar que, às vezes, nem tudo está perdido. Se houver calma e controle, há sempre a possibilidade de encontrar soluções, seja para substituir um plano ou resolver um problema técnico. Em tudo há a alternativa de mudança, desde que seja sempre uma mudança com um propósito, e não gratuita ou facilitista.

Em suma, considero o resultado um filme que ficou muito próximo daquilo que imaginava. E mesmo com todas as tarefas que acabei por desempenhar durante todas as etapas de produção, apesar de ter ficado um pouco sobrecarregado, acho que as coisas saíram da melhor maneira. Por exemplo, o projeto acabou sendo orçado com o valor de aproximadamente 1900 euros, porém, com um alto controle de gastos, oferecendo todo o tipo de alimentação e transporte para a equipa, conseguimos gastar apenas 1400 euros, em valor final – algo pouco comum no cinema. Por outro lado, algo também incomum no cinema é a acumulação de cargos: eu acabei desempenhando a função de realizador, escritor, produtor e montador, sem considerar as ajudas que naturalmente dava para deixar a montagem dos equipamentos mais ágil. Não é a solução canónica neste tipo de produção, mas acabaria por se revelar uma experiência enriquecedora, com as suas dificuldades, mas também as suas descobertas.

Tempo ao Tempo foi um projeto que me ajudou a ser mais paciente, a perceber que às vezes as coisas não acontecem no momento que queremos, pois na vida para tudo há um tempo. Dessa forma, mesmo nos momentos em que não podíamos filmar ou tínhamos que nos abrigar em algum lugar, a maneira como toda a equipa agia, sem muito desespero, foi algo que ajudou muito a todos, pois nessas horas há que sermos um pouco mais sóbrios, senão a emoção tolda o discernimento e, então, a situação pode piorar. Tal não aconteceu, devido à resiliência e ótimo ambiente proporcionado durante toda a produção do projeto.

Naturalmente, houve planos que tivemos que alterar, porém a mudança gerou um resultado muito interessante, que antes não imaginávamos. Já diz o ditado “há males que vêm para o bem” e escrevo isso pois após esta jornada, percebo que de fato tudo não foi por acaso. Resumindo: quando é fácil, às vezes não tem graça, mas quando há dificuldades, valorizamos mais o resultado. Desta forma, ter dado *Tempo ao Tempo* foi a melhor solução. Em relação às mudanças que tivemos que fazer, prefiro pensar que tudo que mudamos na verdade gerou uma evolução do projeto. E por isso, ao finalizar este relatório, percebo que de fato, melhorei.

Este projeto, por mais que eu tenha tentado planejar para ser um pouco mais simples, acabou por ser bastante complexo, não somente pelos desafios que ocorreram durante as rodagens, como, por exemplo, a ausência dos planos sequencia que havia planeado, mas penso que os maiores desafios foi tentar substituir essas ideias por outras e sem alterar a proposta inicial. Dessa forma, a nível criativo foram pensadas diversas soluções que pudessem estar a disposição caso algo desse errado em algum plano e, devido a semana com tempo instável, houve diversas situações em que toda a equipa teve que imaginar alguma solução, mesmo a nível de produção, por causa das chuvas. Assim, o projeto teve alguns planos que ficaram muito interessantes, mas não foram feitos da maneira como foi pensado inicialmente: um dos exemplos foi a parte final da cena do consultório, onde fizemos um plano de quase 2 minutos, mas que levou cerca de 3 noites para conseguir ficar minimamente bom, ou seja, atuação, imagem e som com qualidade. Afinal tentamos utilizar a técnica *dolly zoom*, mas não dava certo. Assim, decidimos utilizar a tecnologia a nosso favor, já que a câmara que utilizávamos possui um sensor 6K e poderíamos fazer um zoom digital sem perder qualidade de imagem, foi uma solução simples, mas que na montagem teve um resultado quase invisível, pois quem vê o plano pela primeira vez não imagina que é zoom digital. Um dos conselhos que levei para este projeto e carregarei comigo para todos os outros que vierem é que enquanto um plano não estiver em condições, não podemos avançar para a gravação de um outro. Porém, após terminar este projeto, minha opinião vai além, penso que mesmo com um plano em condições, num cenário ideal, devemos ter pelo menos dois ou três planos bons; assim, durante a montagem, o responsável por esta etapa terá opções.

Quando iniciei o processo de idealização da narrativa, praticamente tinha apenas algumas ideias sobre a estética do filme. A primeira em que pensei era que nos planos iniciais não conseguíssemos ver o rosto da personagem, porque penso que a ausência de um rosto geraria uma expectativa no espectador, além de tornar o personagem mais enigmático. Dessa maneira, com essa primeira ideia, surgiu outra: explorar alguns pormenores, como as mãos. Afinal, para uma pessoa que está num momento de aflição, as mãos acabam por ter um papel importante para demonstrar isso. Após finalizar o projeto, acredito que essas duas ideias ficaram da maneira como imaginava, com o enquadramento por vezes não muito comum e o zoom quase impercetível usado em alguns planos acabando por reforçar esta ideia e deixar a cena da maneira que pensei. No segundo bloco do filme, que na minha ideia devia contrastar com o primeiro, a protagonista seria vista por inteiro, a câmara teria movimento e ao invés do silêncio, muito presente no consultório, o personagem seria acompanhado de uma música. O resultado foi uma sequência muito

interessante, e que na minha opinião transmite a sensação proposta, com um clímax nos planos das memórias dela. Sabendo que a música teria um papel muito importante, consegui transmitir ao compositor que não havia a necessidade de ser uma peça complexa, que poderia ser minimalista, mas que deveria ter alguns elementos que penso ser essenciais: um crescendo e um ápice, ambos bem emotivos e, de certa maneira, melancólicos.

A nível de atuação, fiquei bastante contente com o resultado de ambos os atores, Beatriz Rodrigues e Pedro Peixoto, que, mesmo sem experiências anteriores, conseguiram desempenhar seus papéis de maneira muito profissional. Cabe ressaltar o quanto a Beatriz se doou pelo projeto, estando sempre presente e com muita vontade de atuar, além de estar sempre aberta a sugestões minhas e de meus colegas de equipa. Todos esses elementos somados aos ensaios feitos antes das rodagens e as gravações de voz na pós-produção teve como resultado uma atuação muito boa. No início tinha algumas dúvidas, ainda mais porque, pensava que esse papel naturalmente seria difícil, por se tratar de um tema sensível, e que a atuação seria fundamental para transmitir o que era suposto; mas Beatriz conseguiu entregar um personagem que possui praticamente todas as características que foram pensadas durante o desenvolvimento do papel: uma mulher decidida, sensível e ao mesmo tempo enigmática. Durante a fase da pós-produção, com as orientações corretas, conseguimos fazer a cena do consultório ficar melhor, com a regravação de todos os diálogos do projeto, mas dessa vez de uma maneira mais controlada e no tom de voz e postura ideal, sendo mais sereno, sem muita variação no tom. Assim, a utilização desses áudios na montagem, ajudou a criar a atmosfera correta para todo o filme.

Em suma, todas as características do projeto, foram pensadas sempre com o propósito de não alterar a ideia inicial; no entanto, devido a diversos fatores externos estivemos sujeitos a acrescentar ou retirar planos, o que fez o projeto, naturalmente, ter mudanças. Mudanças essas que eu considero uma evolução, pois o resultado final deste filme, é muito satisfatório. Cada detalhe que foi introduzido ou retirado foi sempre com o propósito de melhorar e valorizar a narrativa e conseqüentemente a experiência do espectador. Com isso, não deixo de salientar a forma como o projeto foi progredindo, desde o início de setembro de 2022 até a presente data, e com isso penso que resultou numa obra que apesar das mudanças ficou muito próximo ao que imaginava desde o começo: uma aprendizagem de cinema e uma reflexão sobre a existência humana.

6. Referências Bibliográficas

Antonioni, M. (1996). *The Architecture of Vision: Writings and Interviews on Cinema*.
<https://www.jstor.org/stable/1213446>

Antonioni, M. (2008). *Michelangelo Antonioni*. Universidade de Mississippi, Press.

Brunette, P. (1998). *Universidade de Cambridge Press* www.cambridge.org Cambridge.
https://assets.cambridge.org/97805213/89921/excerpt/9780521389921_excerpt.pdf

Chatman, S. (1985). *Antonioni, Or, The Surface of the World*. Universidade da California Press.

7. Referências Filmográficas

Anderson, B. (2004). *The Machinist* [Filme]. Filmax Group; Castelao Producciones; Canal+ España.

Anderson, W. (2014). *The Grand Budapest Hotel* [Filme]. Searchlight Pictures; Indian Paintbrush; Studio Babelsberg.

Antonioni, M. (1960). *L'Avventura* [Filme]. Cino del Duca; Produzioni Cinematografiche Europee (P.C.E.); Societé Cinématographique Lyre.

Antonioni, M. (1961). *La Notte* [Filme]. Nepi Film; Sofitedip; Silver Films.

Antonioni, M. (1962). *L'Eclisse* [Filme]. Cineriz; Interopa Film; Paris Film

Antonioni, M. (1966). *Blow-Up* [Filme]. Carlo Ponti Production.

Areias, R. (2019). *Surdina* [Filme]. Bando à Parte.

Aronofsky, A. (2022). *The Whale* [Filme]. A24; Protozoa Pictures.

Aster, A. (2019). *Midsommar* [Filme]. A24; B-Reel Films; Nordisk Film; Square Peg.

Bergman, I. (1966). *Persona* [Filme]. Svensk Filmindustri.

Bergman, I. (1972). *Cries and Whispers* [Filme]. Cinematograph AB; Svenska Filminstitutet (SFI)

Branagh, K. (2021). *Belfast* [Filme]. TKBC; Northern Ireland Screen.

Chazelle, D. (2016). *La La Land* [Filme]. Summit Entertainment; Black Label Media; TIK Films.

Chazelle, D. (2018). *First Man* [Filme]. Universal Pictures; Dreamworks Pictures; Perfect World Pictures.

Coen, J. & Coen, E. (2013). *Inside Llewyn Davis* [Filme]. CBS Films; StudioCanal; Anton.

Cuarón, A. (2006). *Children of Men* [Filme]. Universal Pictures; Strike Entertainment; Hit & Run Productions.

Cuarón, A. (2018). *Roma* [Filme]. Esperanto Filmoj; Participant; Pimienta Films.

Daldry, S. (2011). *Extremely Loud & Incredible Close* [Filme]. Warner Bros.; Scott Rudin Productions; Paramount Pictures.

Dominik, A. (2022). *Blonde* [Filme]. Plan B Entertainment.

Edward Shults, T. (2016). *Krishna* [Filme]. Hoody Boy Productions.

Eggers, R. (2015). *Brothers* [Curta-metragem]. Code Red; Parts and Labor.

Haneke, M. (2005). *Caché* [Filme]. Les Films du Losange; Wega Film; Bavaria Film.

Larraín, P. (2021). *Spencer* [Filme]. Shoebox Films; Komplizen Film; FilmNation Entertainment; Topic Studios; Fabula.

Loneragan, K. (2016). *Manchester by the Sea* [Filme]. Amazon Studios; K Period Media; Pearl Street Films.

Malick, T. (1978). *Days of Heaven* [Filme]. Paramount Pictures.

Malick, T. (2011). *The Tree of Life* [Filme]. Cottonwood Pictures; River Road Entertainment; Searchlight Pictures; Brace Cove Productions; Plan B Entertainment.

Malick, T. (2012). *To the Wonder* [Filme]. Brothers K Productions; Redbud Pictures.

Martins, M. (2005). *Alice* [Filme]. Clap Filmes.

Meise, S. (2021). *Great Freedom* [Filme]. FreibeuterFilm; Rohfilm.

Pawlikowski, P. (2013). *Ida* [Filme]. Opus Film; Phoenix Film Investments; Canal+ Polska.

Pawlikowski, P. (2018). *Cold War* [Filme]. Opus Film; Polski Instytut Sztuki Filmowej; MK2 Films.

Polanski, R. (2002). *The Pianist* [Filme]. R.P. Productions; Heritage Films; Studio Babelsberg.

Schipper, S. (2015). *Victoria* [Filme]. MonkeyBoy; Deutschfilm; RadicalMedia.

Schrader, P. (2017). *First Reformed* [Filme]. Killer Films; Omeira Studio Partners; Fibonacci Films; Big Indie Pictures.

Scorsese, M. (2010). *Shutter Island* [Filme]. Paramount Pictures; Phoenix Pictures; Sikelia Productions; Appian Way; Thomas FX Group.

Spielberg, S. (2022). *The Fabelmans* [Filme]. Amblin Entertainment; Amblin Partners; Reliance Entertainment; Universal Pictures.

Tornatore, G. (1988). *Nuovo Cinema Paradiso* [Filme]. Cristaldifilm; Les Films Ariane; Rai 3; TF1 Films Production; Forum Picture.

Villeneuve, D. (2010). *Incendies* [Filme]. micro_scope; TS Productions; Phi Group; Canadian Broadcasting Corporation (CBC).

Villeneuve, D. (2016). *Arrival* [Filme]. Lava Bear Films; FilmNation Entertainment; 21 Laps Entertainment.

Wells, C. (2022). *Aftersun* [Filme]. BBC Film; British Film Institute (BFI); Screen Scotland.

Zhao, C. (2020). *Nomadland* [Filme]. Cor Cordium; Hear/Say Productions; Highwayman Films.

Anexos

Anexo 1: Guião

À Espera da Primavera

Por

Lucas Finotti

M12000
+351 938 743 276

lucas.m.finotti@ubi.pt
aesperadaprimavera@gmail.com

FADE IN:

1 - EXT. RUA - DIA

Em uma rua urbana de uma cidade interiorana está um edifício de cor branca com detalhes em pedra e uma porta com a cor vermelho escuro e um interfone prateado. A porta está centralizada. No local há alguns carros estacionados. Os sons do cotidiano de uma rua pouco movimentada como, PÁSSAROS, CÃES, VEÍCULOS e pessoas a CAMINHAREM, ecoam pelo ambiente.

Uma MULHER, vestida com roupas de frio, com tons entre cinza e preto, cruza a porta da direita para a esquerda. Em seguida outra PESSOA, novamente vestida com roupas de inverno em tons mais frios cruza a porta da esquerda para a direita. Após alguns segundos, BEATRIZ, uma mulher na faixa dos 20 a 30 anos, magra, estatura média vestida com roupas de frio e um casaco mais comprido em um tom escuro. Ela caminha em direção a porta, para em frente ao local, levanta a cabeça olhando para a porta e hesitante toca a CAMPAINHA. Segundos depois, a voz de uma senhora responde pelo INTERFONE, o som não é totalmente claro por causa da distância, mas conseguimos perceber do que se trata.

SENHORA

(V.O.)

Sim?

BEATRIZ

Olá, tenho uma consulta marcada com o Doutor Diogo.

SENHORA

(V.O.)

Oh, menina! diga-me uma coisa, qual o seu nome?

BEATRIZ

Beatriz Monteiro.

Após alguns segundos de espera, houve-se o DISPOSITIVO da porta, Beatriz empurra o objeto e entra no ambiente. Ela desaparece na penumbra. A porta fecha-se.

2 - INT. SALA DE ESPERA - DIA

Vemos Beatriz por uma abertura. Ela está na sala de espera, o ambiente possui tons amadeirados com alguns sofás na cor verde. A sala de espera do consultório é iluminada por um raio de luz que vem de uma porta entreaberta que corta o local e cruza com Beatriz. A protagonista está inquieta e caminha de um lado ao outro de maneira agitada e sem paciência.

DR. DIOGO
Beatriz! Podes entrar.

Dr. Diogo abre a porta, o feixe de luz expande, Beatriz olha em direção a porta. Ela para por um instante, não o responde e então caminha em direção ao Doutor para entrar no quarto.

3 - INT. CONSULTÓRIO - DIA

Beatriz está sentada dentro do consultório no entanto, não vemos seu rosto. No ambiente há uma mesa de madeira na cor marrom, em cima da mesa há um notebook e alguns papéis organizados. Há também um sofá de cor bege em tom pastel, um divã com a mesma cor do sofá e duas cadeiras bege, opostas uma a outra. Ao lado das cadeiras bege, se encontram dois moveis, com um copo d'água em cima. DOUTOR DIOGO está sentado na cadeira bege oposta a entrada do ambiente. Ele aparenta ter entre 30 e 40 anos, estatura alta, magro e vestido com roupa social, camisa azul claro e calças em tons cinzentos. Em suas mãos, está um pequeno caderno. Beatriz está no assento bege diante da porta ficando de frente para o psicólogo. Ela está em silêncio.

Dr. Diogo faz algumas ANOTAÇÕES em seu caderno de anotações. Antes mesmo do Dr. Diogo terminar seus apontamentos, Beatriz começa a falar com um tom de voz ameno, tranquilo como se estivesse falando em pensamento. No ambiente, ouve-se sons do cotidiano de uma cidade, PÁSSAROS, MOTORES de Carros entre outros.

BEATRIZ
(V.O.)
Aqui estou eu, sentada a falar, ou a achar que se falo algo melhora.

Beatriz com as pernas cruzadas, agita os pés ansiosa, balançando de um lado ao outro, enquanto fala.

(CONT.)

CONT.:

BEATRIZ

(V.O.)

Acreditei que se guardasse para mim
 todos os meus sentimentos, eles
 acabariam por deixar de existir.

Ela demonstra outros sinais de ansiedade. Em sua mão direita, segura um pingente prateado, esfregando o objeto entre os dedos.

BEATRIZ

(V.O.)

Que apenas fossem meras ilusões da
 minha mente partida.

Ela faz uma pausa. Levanta a mão direita até boca, é possível ver alguns detalhes do rosto de Beatriz. O pingente que estava segurando solta-se um pouco da mão e agita-se em seu punho. Beatriz começa a roer a unha do dedo polegar.

Ela abaixa a mão. Continuamos a ver a parte inferior de seu rosto. Seus lábios não se movem, mas podemos ouvir sua VOZ. O tom continua ameno e tranquilo.

BEATRIZ

(V.O.)

A minha boca está calada, a minha
 mente cheia de rabiscos e sombras que
 me fazem tremer e...

Beatriz fica mais hesitante a medida que fala mais.

BEATRIZ

(V.O.)

... e traçar todas a trajetórias,
 assumindo sempre que acontece o pior.

Dr. Diogo está sentado de frente para Beatriz, com as pernas cruzadas, em cima de seu joelho está seu caderno de notas e uma caneta. Ele está com a cabeça erguida olhando em direção a Beatriz. Ele abaixa a cabeça, faz uma ANOTAÇÃO no papel, para de escrever e volta a olhar para Beatriz.

DR. DIOGO

Beatriz, O que lhe passa à cabeça
 neste momento?

É possível ver as mãos de Beatriz que estão a esfregar-se uma na outra. Ao primeiro som da fala de Dr. Diogo. Os movimentos

(CONT.)

CONT.:

que Beatriz faz com a mão por causa da ansiedade, terminam como um efeito do chamamento pelo Doutor. Beatriz fica congelada por um instante, pensativa.

BEATRIZ
Tenho saudades!

Os lábios rosados de Beatriz exprimem cada palavra. Beatriz fala de maneira calma e serena mas desabafando.

BEATRIZ
Só gostava de lhe contar tudo e...

BEATRIZ (CONTINUA)
(pausa)
e de ouvir tudo o que ela tinha para contar.

Beatriz continua sentada na cadeira de frente para o Doutor. Podemos ver seu rosto cansado e abatido. Suas pernas estão fechadas, com os joelhos mantidos um perto do outro.

BEATRIZ
Tenho pouco sono, quase não durmo, mas quando fecho os olhos, tenho pesadelos.

Ela pega com a mão esquerda o pingente que se encontra no pulso, colocando-o de volta na palma da mão direita. Esfregando o objeto entre os dedos.

BEATRIZ
Hoje, não me sinto tão bem. Sinto me triste e...
(pausa)
...e revoltada!

Beatriz fecha o punho direito, levanta a mão segurando o pingente com força.

BEATRIZ
(com raiva)
Estou demasiado isolada e não são uns comprimidos que me vão ajudar a sentir menos sozinha.

Ela abaixa a mão, ficando um pouco mais relaxada.

(CONT.)

CONT.:

BEATRIZ

Qualquer interação é um turbilhão de emoções. Tenho imensas saudades.

Dr. Diogo, olha para Beatriz enquanto ela fala. Ele faz algumas anotações em seu caderno.

BEATRIZ

Adoro e estou agradecida de tudo o que tenho a minha volta.

Beatriz está com um olhar em direção ao chão. Seu corpo se inclina levemente para frente.

BEATRIZ

Mas com tudo isso não deixo de sentir que parte de mim esta abandonada.

Ela começa a ficar emocionada.

BEATRIZ

Dramático eu sei.

Beatriz dá uma risada tímida, voltando a ficar séria.

BEATRIZ

(emocionada)

Todos precisamos de uma companhia e a minha não está mais aqui.

Beatriz fecha os olhos ficando em silêncio. O som das ANOTAÇÕES de Dr. Diogo, dominam o ambiente.

As anotações cessam-se. Dr. Diogo espera alguns segundo e interage com Beatriz.

DR. DIOGO

Gostarias de fazer uma pequena pausa?

Beatriz, abre os olhos, a negar suavemente com a cabeça.

BEATRIZ

Não, não é preciso.

Ela se ajeita no assento, ficando novamente com os joelhos juntos. Olha para o lado, a procura de algo. Vê um copo, pega-o e bebe um gole d'água.

(CONT.)

CONT.:

Beatriz, devolve o copo ao móvel, se arruma mais uma vez no assento e se prepara para falar.

BEATRIZ

Quando tomo café com os amigos, sinto-me distante. De alguma forma desconfortável com tudo...

Ela agora está mais calma, sua fala mais devagar e serena.

4 - EXT. ESPLANADA DE CAFÉ - FIM DE TARDE

Beatriz está em uma mesa de um café, rodeado de amigos. No ambiente encontra-se várias mesas e pessoas a caminhar atrás do grupo de Beatriz. Em cima da mesa, estão algumas chávenas e pratos. Seus amigos estão consumindo no local.

Ela está com a mesma postura, roupa e olhar do consultório. Na frente de Beatriz, há uma chávena. Beatriz está centrada, há dois amigos no lado esquerdo e mais dois no lado direito. Eles estão vestidos com roupas de frio, em tons mais coloridos que o de Beatriz. O grupo está interagindo entre si. Beatriz está letárgica. Ela reage de maneira tardia aos COMENTÁRIOS dos amigos e RISADAS dos colegas.

As vozes e sons da cidade ao redor de Beatriz soam de maneira ABAFADA. Enquanto Beatriz tenta agir normalmente com alguns sorrisos, mas claramente desconfortável.

BEATRIZ

(V.O.)

...tenho pensamentos intrusivos sobre o fim de tudo...

Beatriz aparenta tentar continuar a agir normalmente, sorrindo uma vez. Os sons das RISADAS e da CIDADE ficam mais intensos.

BEATRIZ

(V.O.)

...que causa em mim um ardor de pânico que vem do peito e me faz querer explodir.

Um amigo de Beatriz que não o vemos, faz um comentário ABAFADO, todos os amigos RIEM. Beatriz após alguns segundos dá um sorriso tímido. Ela para de sorrir, pensa, sua

(CONT.)

CONT.:

expressão muda repentinamente. Ela levanta da mesa, seus amigos estão indiferentes. Uma MÚSICA suave com poucas notas começa a tocar, enquanto ela caminha sem pressa, se distanciando da mesa em que estão seus colegas. As RISADAS deles vão aos poucos desaparecendo sendo engolidos gradativamente pelos SONS DA CIDADE e da MÚSICA, que também tem sua intensidade reduzida.

BEATRIZ

(V.O.)

Sorrir faz mentir a minha dor e ao notar que sorris, todo mundo irá supor que és feliz.

5 - EXT. RUA DA CIDADE - FIM DE TARDE

Rua da cidade ao lado do café, CARROS a movimentarem com PESSOAS a caminharem atrás de Beatriz, algumas luzes da cidade se encontram acessas.

Beatriz que está um pouco abalada, caminha sem rumo pela calçada da cidade no início da tarde.

6 - EXT. ESTRADA COM MATA QUEIMADA - TARDE

Beatriz, vestida com as mesmas roupas, continua sua jornada. O local, uma estrada antiga de terra quase uma trilha onde todo seu entorno, uma mata, encontra-se sem vida, queimado, escuro e morto. A tarde caminha para o fim, o ambiente, possui alguns lugares com raios de sol e outra já estão diante da penumbra. O espaço está próximo do Golden Hour. O VENTO e os PÁSSAROS dominam a ambiência. A MÚSICA continua com um crescendo que vai aumentando a cada instante.

Beatriz caminha com passos curtos. Sua fala permanece calma e serena. Ela está com os braços abertos, a ir em direção ao horizonte. Em sua mão direita está o pingente, ela está com o punho fechado, o objeto balança de um lado ao outro, a medida que ela caminha.

BEATRIZ

(V.O.)

Eu não quero ser um peso para ninguém mas sinto que já nem o meu próprio peso consigo carregar.

(CONT.)

CONT.:

Beatriz continua sua caminhada com uma postura aflita, mas serena.

7 - EXT. LAGOA COMPRIDA - FIM DE TARDE

Beatriz reflexiva e calma. Caminha pela margem da lagoa. O local, uma grande represa na encosta da serra, parece ser um oceano no meio das montanhas. A luz solar do fim do dia reflete na água e nas nuvens. Os belos raios dourados, criam um tom que é refletido no rosto de Beatriz. Ela caminha aliviada na margem direita da lagoa, olhando para a ÁGUA agitada pelo VENTO e admirando a beleza do local.

A MÚSICA continua a tocar com um crescendo enquanto a protagonista percorre o local tranquilamente.

Beatriz para. Ela está de frente para o horizonte vemos sua silhueta contra o bonito pôr do sol, as águas da lagoa e o céu com tons alaranjados. Ela observa o local, parada. Beatriz ergue as mãos de encontro ao peito e fica nesta posição por alguns segundos. Ela abaixa a cabeça aproximando da mão, permanecendo em uma posição reflexiva.

8 - EXT. ESTRADA COM VISTA À CIDADE - FIM DE TARDE/INÍCIO DA NOITE

A tarde já está quase no fim, o céu com um degradê variando entre laranja, dourado e azul. Beatriz continua sua jornada em direção ao horizonte laranja, caminhando mais lento do que o normal. Ela para, incerta e vira o rosto, ficando de perfil. Beatriz olha para trás se virando para a cidade. Seus olhos começam a ficar marejados, ela aproxima do peito a mão direita com o pingente entrelaçado entre os dedos. A MÚSICA continua com um crescendo, se aproximando de seu ápice.

Beatriz começa a caminhar com dificuldade, arrastando os pés. Sua RESPIRAÇÃO fica pesada. Ela para de caminhar, se desequilibra, mas logo volta a se equilibrar. Beatriz então desaba a CHORAR. A MÚSICA para. Beatriz está de frente para a cidade da Covilhã, que com as luzes da cidade, parece ser um conglomerado de pérolas amarelas e laranjas fixadas no grande paredão de montanhas da Serra da Estrela.

Beatriz parada e de cabeça baixa, volta a caminhar abatida em sentido a cidade.

(CONT.)

CONT.:

BEATRIZ

(V.O.)

Porque acho que tenho que controlar a
minha vida, se já não consigo
controlar as minhas lágrimas.

Seus PASSOS estão devagar, suas mãos no peito e a cabeça
baixa. O som profundo do VENTO e dos GRILOS a acompanham na
jornada de volta.

9 - EXT. RUA - NOITE

Beatriz caminha pela rua da cidade, iluminada por inúmeros
candeeiros antigos de luz laranja. O local se encontra vazio
mas com alguns veículos estacionados.

BEATRIZ

(V.O.)

Um dia poderei dizer, onde houver
escuridão, serei luz...

Beatriz caminha rua acima acompanhada pelo som de seus PASSOS
e o VENTO.

10 - EXT. TRAVESSA - NOITE

Uma pequena travessa, com portas de casas nas laterais e no
fim do caminho há uma rua iluminada pelos candeeiros e uma
grande casa de pedra com portas e janelas em detalhes verdes.

Beatriz cruza a rua em frente a travessa, indo da esquerda
para a direita. Seu caminhar continua calmo mas a postura
está mais confiante.

BEATRIZ

(V.O.)

...Quando houver tristeza, serei
alegria...

11 - INT. CASA/SALA DE ESTAR - NOITE

Dentro da casa, uma sala de estar, com alguns moveis de
madeira. Em um aparador de madeira, encontra-se uma

fotografia. A luz do ambiente está desligada, porém há uma única iluminação que invade o ambiente, a luz da lua, que entra por uma janela.

Ouve-se um ruído de uma pessoa a ABRIR A PORTA. Beatriz entra em sua casa. Ela tira o casaco, colocando o objeto em um porta casacos. Dá alguns passos. Beatriz aperta o INTERRUPTOR de luz, A fotografia é iluminada assim como todo o ambiente. Com a luz é possível ver que a fotografia mostra Beatriz com uma outra mulher, elas estão abraçadas em pose para a câmera, no fundo da fotografia, é possível ver a cidade ao longe no exato local onde Beatriz ficou emocionada ao fazer sua jornada. Ela caminha e para na frente do aparador de madeira ficando na frente da fotografia, a obstruindo. Não é possível ver o que faz, mas ouve-se um som METÁLICO.

BEATRIZ
(V.O.)
...e quando conseguir ser realmente eu...

Beatriz termina de manusear o objeto e se afasta do local. Ao sair, o pingente que foi carregado por ela durante todo o dia, está pendurado em cima da fotografia. Ele balança levemente. Os PASSOS de Beatriz vão diminuindo de intensidade conforme ela afasta do local.

BEATRIZ
(V.O.)
...então aí serei esperança.

A fotografia das duas e o pingente permanecem no local até o momento que a luz do ambiente se apaga.

12 - EXT. PORTA DA CASA DE BEATRIZ - DIA

Uma bela manhã de sol, onde uma grande porta verde da casa é iluminada pelo astro. Esta é a casa de Beatriz. A cidade está com vida, com movimento, pássaros ASSOBIAM e algumas pessoas cruzam a porta. Primeiro, uma MULHER jovem, com roupas de cor pastel. Depois, um CASAL. Todas as pessoas que passam aparentam estarem bem dispostas. Após alguns segundos, a porta da casa se abre, é possível ver Beatriz com uma roupa com tons bem diferentes do dia anterior, tons mais vivos e coloridos. Ela está com uma aparência mais positiva e carrega uma bolsa. Beatriz fecha a porta com calma, olha para a rua e começa a caminhar decidida e com confiança.

(CONT.)

11.

CONT.:

Após Beatriz caminhar de volta para o seu dia a dia, mais algumas pessoas cruzam a porta. Um RAPAZ com seu cão aparece andando atravessando a porta. A rua continua sua rotina diária de uma manhã agitada de uma pequena cidade do interior.

FADE OUT.

FIM

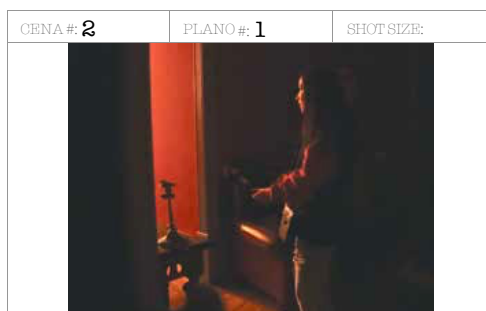
Anexo 2: Storyboard

PROJETO À Espera da Primavera

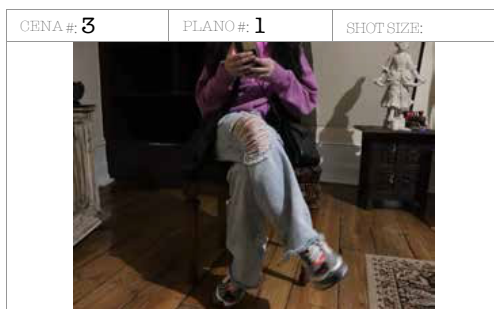
Pág. ____ / ____



Rua do Consultório, Porta com pessoas a caminharem.



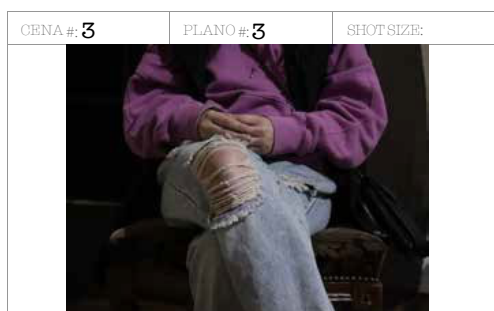
Beatriz, na sala de espera caminha de um lado a outro.



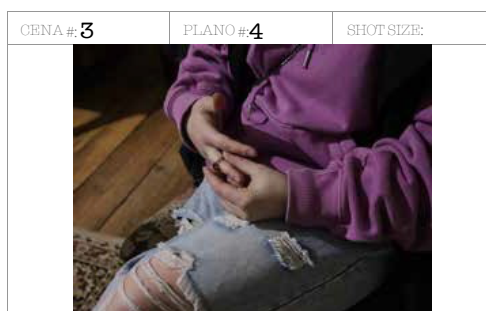
Beatriz, entra na sala e senta na cadeira.



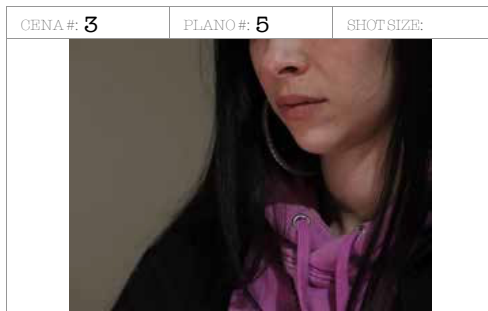
Dr. Diogo faz algumas anotações em seu caderno.



Beatriz, balança as pernas ansiosamente.



Ela esfrega as mãos com pingente.



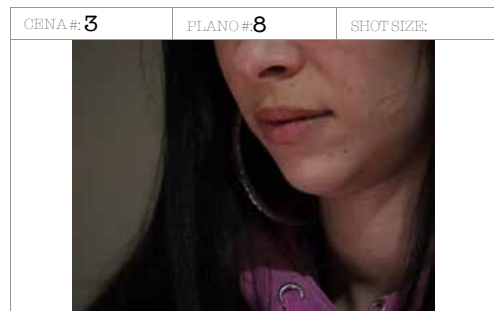
Beatriz levanta a mão à boca.



Dr. Diogo está a olha para beatriz, ele abaixa a cabeça e volta a fazer anotações.



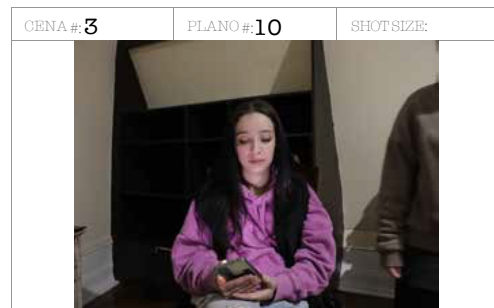
Beatriz, agitada, paraliza quando o Dr. fala.



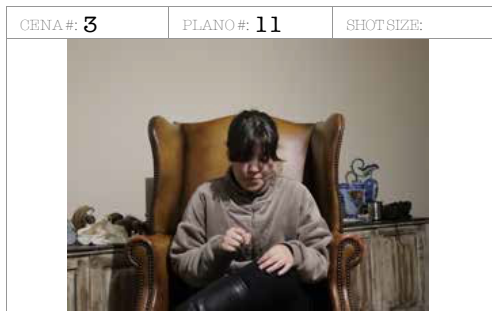
Beatriz começa a desabafar.



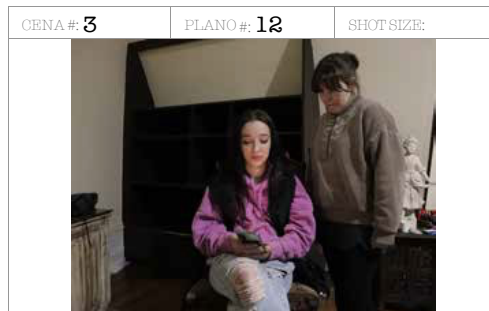
Beatriz, continua seu desabafo ao Dr. Diogo.



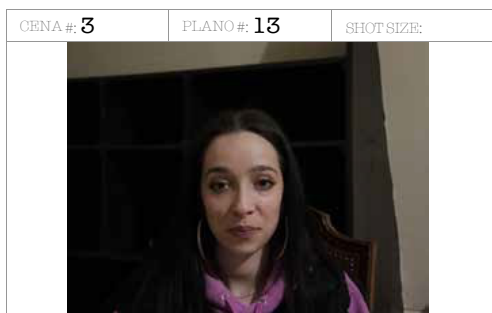
Ela esfrega as mãos com pingente.



Dr. Diogo acompanha enquanto Beatriz fala..



Beatriz está com olhar ao chão, inclina o corpo para frente.



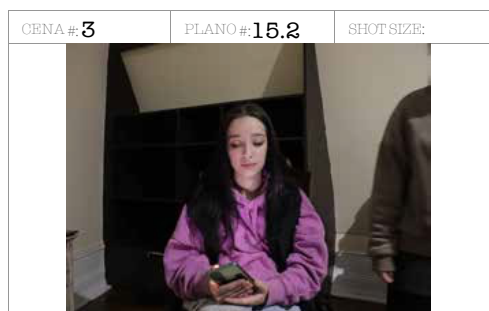
Beatriz volta para atrás, e fica emocionada.



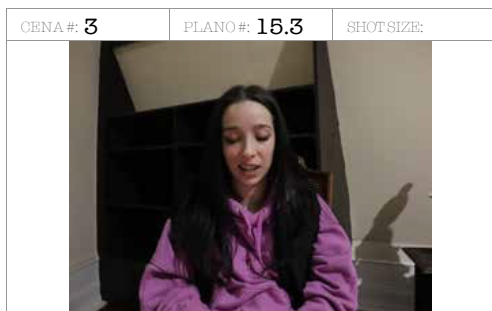
Beatriz fica em silêncio, após alguns segundos, Dr. Diogo a faz uma pergunta.



Beatriz, se ajusta no assento, bebe um pouco de água e volta a falar.



Beatriz, se ajusta no assento, bebe um pouco de água e volta a falar.



Beatriz, se ajeita no assento, bebe um pouco de água e volta a falar.



Beatriz, se ajeita no assento, bebe um pouco de água e volta a falar.



Beatriz está sentada na mesa com amigos.



Beatriz, deixa os amigos na mesa e começa a caminhar afastando-se deles.



Beatriz, caminha pelo ambiente virando a esquerda.



Ela caminha em direção ao local.



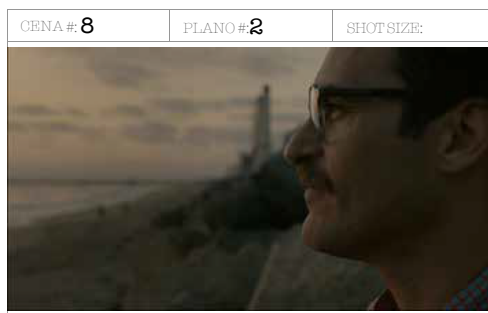
Beatriz, caminha pelo névoa do local..



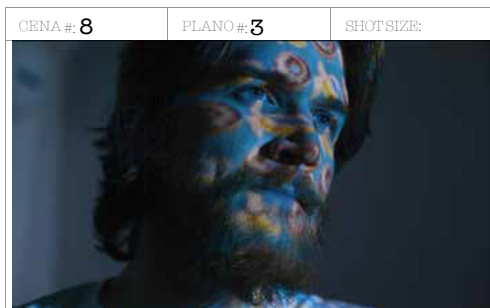
Beatriz, em direção ao horizonte.



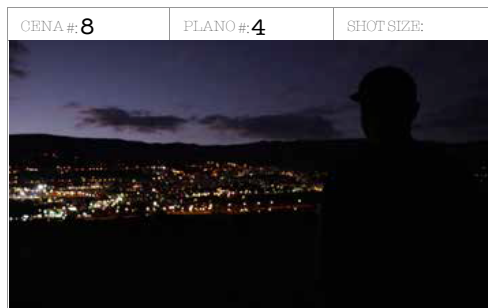
Beatriz para, vira de lado e olha para trás.



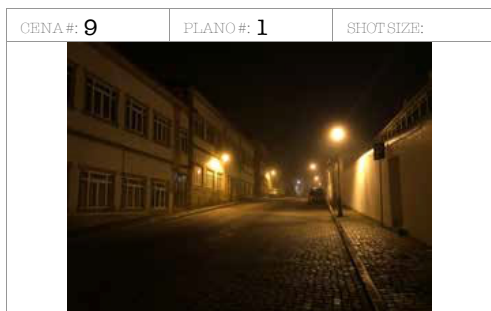
Vemos seu rosto emocionado, iluminado pela luz do por do sol.



Beatriz, com algumas projeções no rosto, estas projeções mostram ela com sua companheira.



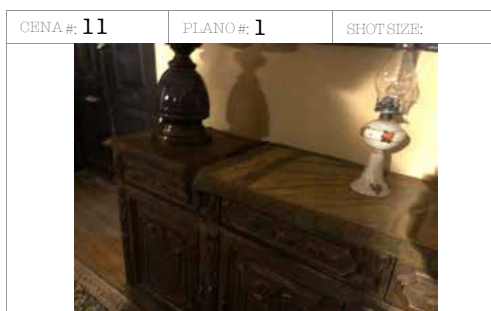
Ela abre os olhos e caminha em direção a cidade.



Beatriz, caminha pela cidade.



Beatriz, cruza a travessa da esquerda para direita.



Beatriz coloca o pingente em cima do quadro..



O dia amanhece, pessoas caminham, após alguns segundos, Beatriz sai da casa.

Anexo 3: Folhas de serviço

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 08:00 - 19:00 ALMOÇO: 12:00 - 13:30 Local Almoço: Buffet da Malufa (UBI)
---	------------------------------	---

FOLHA DE SERVIÇO 1

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 01/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 01 Nascer do Sol: 07:02
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 12h00	Locais de Reperage e Ensaio com Equipamentos: Serra	Pôr do Sol: 18:17

CENAS						
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL	

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora						
Local						

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 08:00 - 19:00 ALMOÇO: 12:00 - 13:30 Local Almoço: Refeitório (UBI)
---	------------------------------	---

FOLHA DE SERVIÇO 2

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 02/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 02
		Nascer do Sol: 07:00
1º Ass. R: Maria Parra	Locais de Reperage e Ensaio com Equipamentos: Casa Monica/ Cidade	Pôr do Sol: 18:18
BASE: 10h00		

CENAS/Ensaio					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
2	D	I	Sala de Espera	1 e 2	Casa da Monica
3	D	I	Consultório	1 e 2	Casa da Monica

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00			
2	Pedro Peixoto	Dr. Diogo	10h00			

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h00
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

 <small>UNIVERSIDADE DE BRAGA INTERIOR</small>	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 09:00 - 19:00 ALMOÇO: 12:00 - 13:30 Local Almoço: Refeitório (UBI)
--	------------------------------	---

FOLHA DE SERVIÇO 3

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 03/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 03 Nascer do Sol: 06:59
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 09h00	Locais de Rodagens: Casa Monica/ Cidade	Pôr do Sol: 18:19

CENAS/Ensaio					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
2	D	I	Sala de Espera	1 e 2	Casa da Monica
3	D	I	Consultório	1 e 2	Casa da Monica

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	09h00	09h10	09h15	09h50
2	Pedro Peixoto	Dr. Diogo	09h00	09h10	09h15	09h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	09h00	09h00	09h00	09h00		09h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 09:00 - 16:00 21:00 - 00:00
		ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Restaurante Pingo Doce

FOLHA DE SERVIÇO 4

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 04/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 04 Nascer do Sol: 07:00
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 09h00	Locais de Rodagens: Casa Monica/ Cidade	Pôr do Sol: 18:25

CENAS/Ensaio					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
3	D	I	Consultório	1 e 2	Casa da Monica
9	N	E	Travessa - Beatriz	1	Travessa do Tinte
10	N	E	Rua - Beatriz	1	Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	09h00	09h10	09h15	09h50
2	Pedro Peixoto	Dr. Diogo	09h00	09h10	09h15	09h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	09h00	09h00	09h00	09h00		09h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 10:00 - 19:00
		ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Restaurante Pingo Doce

FOLHA DE SERVIÇO 5

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 05/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 05 Nascer do Sol: 06:58
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 10h00	Locais de Rodagens: Rua Consultório/ Antigo Aeródromo da Covilhã	Pôr do Sol: 18:26

CENAS/Ensaio					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
1	D	E	Rua do Consultório	1	A Definir
8	T	E	Aeródromo - Beatriz	1	Rua Mahatma Gandhi

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00	10h10	10h15	10h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
5	Figurantes - Rua Consultório	10h00		10h15	10h50

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 10:00 - 19:00 ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Refeitório (UBI)
---	------------------------------	--

FOLHA DE SERVIÇO 6

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 06/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 06
		Nascer do Sol: 06:57
1º Ass. R: Maria Parra	Locais de Rodagens: Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos, Casa da Mónica e Barragem de Lagoa Comprida	Pôr do Sol: 18:27
BASE: 10h00		

CENAS/Ensaio					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
12	M	E	Rua Casa de Beatriz	1	Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos
11	M	I	Sala de Estar	1	Casa da Mónica
7	T	E	Lagoa Comprida	1	Barragem de Lagoa Comprida

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00	10h10	10h15	10h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
5	Figurantes - Rua Casa Beatriz	10h00		10h15	10h50

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 10:00 - 19:00
		ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Restaurante Monumental

FOLHA DE SERVIÇO 7

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 07/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 07 Nascer do Sol: 06:55
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 10h00	Locais de Rodagens: Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos, Casa da Mónica e Barragem de Lagoa Comprida	Pôr do Sol: 18:28

CENAS					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
4	M	E	Esplanada do Café	1	A definir
5	M	E	Café Rua da Cidade	1	A definir
6	T	E	Estrada/Covão	1	Covão d'Ametade - Manteigas

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00	10h10	10h15	10h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
4	Amigos de Beatriz	10h00	10h10	10h15	10h50

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 10:00 - 19:00
		ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Refeitório UBI

FOLHA DE SERVIÇO 8

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 08/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 08
		Nascer do Sol: 06:53
1º Ass. R: Maria Parra	Locais de Rodagens: A definir, Estúdio de Rádio da UBI	Pôr do Sol: 18:29
BASE: 10h00		

CENAS					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
3	M	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
4	M	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
5	M	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
6	M	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
8	T	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
9	T	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
10	T	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI
11	T	I	Voice Over	1	Estúdio de Rádio da UBI

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00	-	10h05	10h20

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h10
Local	Estúdio de Rádio	Estúdio de Rádio	Estúdio de Rádio	Estúdio de Rádio		Estúdio de Rádio

	À Espera da Primavera	HORÁRIO: 10:00 - 19:00
		ALMOÇO: 12:00 - 13:30 19:00 - 20:30 Local Almoço e Jantar: Restaurante Monumental

FOLHA DE SERVIÇO 9

Realizador: Lucas Finotti	Contacto Produção: 937686188 (Roan)	Data: 09/03/2023
Produção: Danilo Sande Roan Rocha	Estacionamento: N/A Transportes: Fiat Punto e Renault Megane	Dia: 09 Nascer do Sol: 06:52
1º Ass. R: Maria Parra BASE: 10h00	Locais de Rodagens: A definir, Cenas que não tenham tido boa execução nas datas anteriores	Pôr do Sol: 18:30

CENAS					
Nº	D/N	I/E	DESCRIÇÃO	ELENCO #	LOCAL
a definir					a definir

ELENCO						
#	ACTOR/ACTRIZ	PERSONAGEM	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF
1	Beatriz Rodrigues	Beatriz	10h00	-	10h15	10h50
2	Pedro Peixoto	Dr. Diogo	10h00	-	10h15	10h50

FIGURAÇÃO					
QUANT.	Descrição	BASE	MAKEUP GR	PAE	PAF

EQUIPA TÉCNICA						
	REALIZAÇÃO	PRODUÇÃO	IMAGEM	SOM	MAQUINISTA	MAKEUP GUARDA ROUPA
Hora	10h00	10h00	10h00	10h00		10h10
Local	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica	Casa da Monica		Casa da Monica

Anexo 4: Orçamento

RESUMO GERAL do ORÇAMENTO

1- Texto e Preparação	,00
2- Elenco	,00
3- Equipa Rodagem	58,00
4- Equipamento de Imagem	,00
5- Equipamento de Som	,00
6- Pós Produção	,00
7- Música	,00
8- Material Sensível	,00
9- Estúdios Plateaux	57,00
10- Trans. Estad. Ref. etc.	1.265,23
11- Seguros	,00
Sub TOTAL	1.380,23
10% Imprevistos (maneiros)	138,02
TOTAL	1.518,25

PROJECTO / Título Provisório	À ESPERA DA PRIMAVERA
Data de início /Data de final	26/09/2022 30/05/2023

Rodagem	1 a 10 de março
Pós-Produção e Master	1 de março a 30 de maio
Apresentação	10 de Junho

EQUIPA E ESTÚDIOS		UBicinema	Telefone
Nomes			
Produtor	Daniilo Sande		938 571 714
Realizador/Guionista	Lucas Finotti		938 743 276
Ass. de Realização	Maria Parra		934 692 329
Ass. Produção	Roan Rocha		937 686 188
Director de Fotografia	Egas Simão		914 170 067
Assistente de Fotografia	Ana Santos		918 324 553
Montagem	Diogo Rodrigues		
Director de Som	Diogo Rodrigues		933 425 815
Ass. de Som	Ariana Vieira		914 692 785
Directora de Arte	Mónica Milheiro		962 422 828
Artiz/Ass. de Arte	Beatriz Rodrigues		963 068 895

ORÇAMENTO DETALHADO

1 - Guião e Preparação

	Nomes	Quant.	Unit.	Sub Total
Original e Argumento	Lucas Finotti	1		0,00 €
Diálogos/Traduções	Lucas Finotti	1		0,00 €
Consultores/Planificação		1		0,00 €
Réperage	Lucas Finotti	1		0,00 €
Sala de Ensaios		1		0,00 €
Deslocações	Lucas Finotti/ Egas Simão	1		0,00 €
Diárias		1		0,00 €
Refeições	Roan Rocha	1		0,00 €
Produção e Secretariado	Daniilo Sande	1		0,00 €
TOTAL				,00

2 - Elenco

	Nomes	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Beatriz	Beatriz Rodrigues	1/h	0,00 €	0,00 €
Dr. Diogo (Figuração)	Pedro Peixoto	1	0,00 €	0,00 €
Amigo da Beatriz 1 (Figuração)	A. definir	1	0,00 €	0,00 €
Amigo da Beatriz 2 (Figuração)	A. definir	1	0,00 €	0,00 €
Amigo da Beatriz 3 (Figuração)	A. definir	1	0,00 €	0,00 €
Amigo da Beatriz 4 (Figuração)	A. definir	1	0,00 €	0,00 €
Agência	A. definir	1	0,00 €	0,00 €
TOTAL				,00

3 - Equipa

	Nomes	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Produtor	Daniilo Sande	1	0,00 €	0,00 €
Realizador	Lucas Finotti	1	0,00 €	0,00 €
Assistente de Realização	Maria Parra	1	0,00 €	0,00 €
Assistente de Produção	Roan Rocha	1	0,00 €	0,00 €
Montador/Anotador	Lucas Finotti	1	0,00 €	0,00 €
Fotografia	Egas Simão	1	0,00 €	58,00 €
Assistente de Fotografia	Ana Santos	1	0,00 €	0,00 €
Director de Som	Diogo Rodrigues	1	0,00 €	0,00 €
Assistente de Som	Ariana Vieira	1	0,00 €	0,00 €
Directora de Arte	Mónica Milheiro	1	0,00 €	0,00 €
Assistente de Arte	Beatriz Rodrigues	1	0,00 €	58,00 €

4- Equipamentos de Imagem

	Ref.	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Câmara Principal e Acessórios	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
2ª Câmara	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Triplés	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Charriot	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Transparências/Croma	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Iluminação/Cabos	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Projectores Autónomos	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Gelatinas/Lâmpadas	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
TOTAL				,00

5- Equipamentos de Som

	Ref.	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Gravadores	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Mix(D)	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Triplés e Perche	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Auscultadores	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Micros e Cabos	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
Micros Lapelas	Armazem UBI	-	0,00 €	0,00 €
TOTAL				,00

6 - Pós Produção				
	Nomes	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Montador	Lucas Finotti	1	0,00 €	0,00 €
Generico	Lucas Finotti	1	0,00 €	0,00 €
Sound Design	Diogo Rodrigues	1	0,00 €	0,00 €
Imagem	Egas Simão	1	0,00 €	0,00 €
	TOTAL			,00

7 - Música				
	Nomes	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Musica Original	A definir	2	0,00 €	0,00 €
Direitos de Músicas	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Musicos	N/A	0	0,00 €	0,00 €
	TOTAL			

8 - Material Sensível				
	Ref.	Quant.	\$ Unit.	Sub Total.
Solid State-HD-Flash-DAT-MD	HD Proprio	1	0,00 €	0,00 €
Transcrições BETACAM Digital	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Betacam Digital	N/A	0	0,00 €	0,00 €
VHS	N/A	0	0,00 €	0,00 €
DVD/CD	CD-R / Entrega de projeto	1	0,00 €	0,00 €
	TOTAL			,00

9 - Estúdios Plateaux e Complementos				
	Nomes	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Pós Produção Vídeo	Egas Simão	2	0,00 €	0,00 €
Pós Produção Audio	Diogo Rodrigues	1	0,00 €	0,00 €
Animação Vídeo	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Aluguer de Espaços - Metro	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Aluguer de Espaços	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Aeronaves	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Barcos	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Comboios	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Veiculos Motorizados	Danielo Sande	2	0,00 €	0,00 €
Figurinos	Monica Miheiro/Beatriz	5	5,00 €	25,00 €
Adereços / Cenografia	Monica Miheiro/Beatriz	3	4,00 €	12,00 €
Maquilhagem	Monica Miheiro/Beatriz	1	20,00 €	20,00 €
	TOTAL			57,00

10 - Transportes-Estadias-Refeições				
	Ref.	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Vaturas Mercadorias	Viatura Propria	1	0,00 €	0,00 €
Vaturas Transporte	Viatura Alugada	1	250,00 €	250,00 €
Gasolina	Galosina E5 - Intermache	150	1,67 €	250,50 €
Refeicoes Almoço Equipa dias 2, 3, 6 e 8	Refetorio UBI	36	3,50 €	126,00 €
Refeicoes Almoço Equipa dias 4 e 5 de março	Restaurante Pingo Doce	18	6,50 €	117,00 €
Refeicoes Equipa dias 7 e 9 de março	Restaurante Monumental	18	4,50 €	81,00 €
Refeicoes Almoço Equipa dias 1 de março	Restaurante Buffet da Malufa	9	7,00 €	63,00 €
Alojamento	Casa Própria	10	0,00 €	0,00 €
Refeicoes Jantar Equipa dias 1,2,4,5,6,7 de março	Pizzas/Lanches	54	5,00 €	270,00 €
Confraternização jantar dia 10 ou 11	Restaurante			0,00 €
Refeicoes Figuração/Catering	Padaria Dias/ToGoodToGo	27	3,99 €	107,73 €
	TOTAL			1.265,23 €

11 - Seguros				
	Descrição	Quant.	\$ Unit.	Sub Total
Viaturas	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Material Imagem e Som	N/A	0	0,00 €	0,00 €
Equipa	N/A	0	0,00 €	0,00 €
	TOTAL			,00

TOTAL 1.380,23

Anexo 5: Ficha do filme

Gênero: Drama.

Duração: 15 minutos.

Cor – P/B: Cor.

Formato:

Aspect Ratio: 1.33:1

Sinopse

Em 'Tempo ao Tempo', Beatriz busca na terapia uma saída para sua solidão e dor após uma perda. Nesta jornada de auto aceitação e cura, ela descobre o poder da expressão e da conexão humana.

Ficha Técnica

Guião, Produção, Realização e Montagem		Lucas Finotti
Ass. De Realização		Maria Parra
Produção		Danilo Sande
Produção		Roan Rocha
Direção de Fotografia		Egas Simão
Ass. De Imagem		Ana Santos
Direção de Som e Mistura de Som		Diogo Rodrigues
Ass. De Som		Ariana Vieira
Direção de Arte e Guião		Mónica Milheiro
Ass. De Arte		Beatriz Rodrigues
Música		Cesar Aranguibel
Guião		Francisca Oliveira
Elenco:		
Beatriz	-	Beatriz Rodrigues
Psicólogo	-	Pedro Peixoto

Anexo 6: Link do filme

<https://drive.google.com/file/d/1zWB5zvHkZE7lluk7mnyEai42vUTzyIdU/view?usp=sharing>